fato & razão

Setembro 2016

Conselho Diretor Nacional
Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação
Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscavo Homem de C.Campos
Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
cep 36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita
Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

Editorial Tem que valer a pena — 4
Rubens Carvalho

60 anos de dedicação — 6

À espera da bala — 7
Mauro Morais

A humanização e a desumanização do trabalho — 9

A Mesa da Partilha — 13

Crucifixo nos tribunais — 15
Paulo Roberto de Gouvêa Medina

Desafio da vida real — 16
Rosely Sayão

Educação para a paz, instrumento fundamental na pacificação de famílias e nações — 18
Deonira L. Viganó La Rosa

Islã e democracia — 20
Peter Demant*

Lâmpadas e inteligências — 22
Rubem Alves*

Movimento Escola sem Partido é um partido cheio de contradições — 24
Angela Alonso

Nosso desafio como cristãos — 26
José Francisco Marchiaro Britto

Adeus a Raimundo Pinto, apóstolo das famílias cristãs — 28

O dia que senti vergonha de ser jornalista — 30
Daniela Arbex

O olhar humano — 32
Jorge La Rosa

Onde está a honestidade — 34
Mouzar Benedito

Os Estados entregam o jogo — 36
Luiz Gonzaga Belluzzo

Parábola dos trabalhadores da vinha — 38

Princípio reconhece que dilemas morais não são tudo ou nada — 42
Reinaldo José Lopes

"Quando nossa família recebe a vida, como agir?" — 44

Saudades de Hélio Amorim — 46

Solidariedade para ser feliz — 48
Luciana Marzullo Araújo

Suplemento especial — 50

fato-e-razao-95.indd 3 21/09/2016 22:01:25

NOTA DO EDITORES

Desde a criação da revista o editorial era utilizado por nosso querido e saudoso Hélio Amorim para expor seus pontos de vista e lúcidas propostas.

Com o seu passamento, resolvemos abrir este privilegiado espaço para a manifestação de outras lideranças do movimento, na busca de uma maior interação.

Aos que desejarem participar pediríamos apenas para evitar temas cotidianos ou passageiros e abordar assuntos que nos levem a uma análise de conjuntura contextualizada, ficando reservada ao Conselho a opção pelo texto-considerado mais adequado.

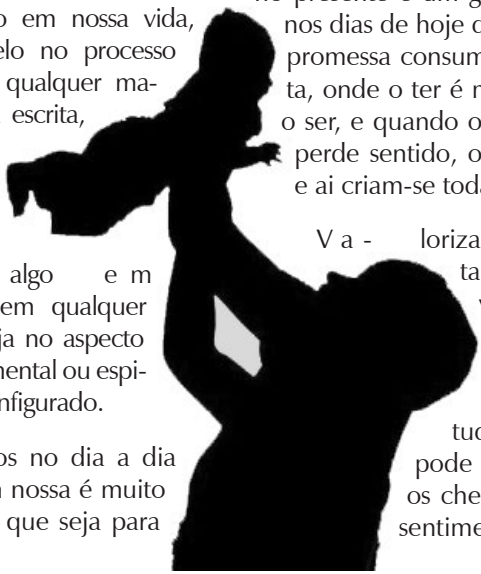
Enquanto aguardamos possíveis colaborações decidimos destacar textos produzidos pela atual Coordenação Nacional.

EDITORIAL

Tem que valer a pena

Seja qual for à ação, atividade, vida vivida - tem que valer a pena!!!

Precisamos viver a intensidade de cada momento em nossa vida, ter acuidade e zelo no processo de construção de qualquer manifestação, seja ela escrita, falada ou através de uma ação concreta. Lembro que o homem é um ser integral e se muda algo em sua configuração em qualquer das suas partes, seja no aspecto emocional, físico, mental ou espiritual o todo é reconfigurado.



Experimentamos no dia a dia que esta passagem nossa é muito rápida, e acredito que seja para quem não tem dado um significado para viver todos os dias, todas as horas, minutos, segundos, dando a esta a sua real importância. Viver no presente é um grande desafio nos dias de hoje diante de uma promessa consumista e futurista, onde o ter é mais forte que o ser, e quando o ter acaba ou perde sentido, o ser vai junto e ai criam-se todas as "crises".

Valorizar cada instante de sua vida, talvez no tempo de uma respiração, sentir tudo o que se pode sentir, todos os cheiros, todos os sentimentos, todas

fato-e-razao-95.indd 4 21/09/2016 22:01:25

as emoções, todo pensamento em direção a outrem e a manifestação viva da natureza ao seu redor, ser um postulante diante do mundo na direção de construir em cada momento o ser único e especial que é, sendo esta uma manifestação viva do ser divino que habita em você.

Tem que valer a pena, ser feliz, sorrir, chorar...

Tem que valer a pena trabalhar, acertar, errar...

Tem que valer a pena cada encontro, desencontro – reencontro...

Tem que valer a pena habitar em cada aspiração de alegria, de dor, de tristeza... Tem que valer a pena viver, amar, ser amado.

Paz e bem!!!

Rubens Carvalho – Coordenador Nacional do MFC

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.
Assinatura anual: **R$ 32,00**

UMA ASSINATURA DE

fato & razão

Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas

Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520

fato-e-razao-95.indd 5 21/09/2016 22:01:26

60 anos de dedicação

Sou da cidade de Campos do Goitacazes, mas desde muito cedo, há 44 anos e meio, vim para o Rio de Janeiro, onde colaboro com a pedagoga Nancy e seu marido Fernando Loureiro.

Nesta casa, há mais de 50 anos, o FATO E RAZÃO têm ajudado muito na formação cristã de todos nós da família.

Hoje somos seis filhos, quatro legítimos e duas de criação e 17 netos. Tenho muita alegria de fazer parte desta família e gostaria que esta revista colocasse uma nota sobre as Bodas de Diamante de Nancy e Fernando Loureiro, que a celebraram no dia 15 de agosto de 2016. É meu presente para estes pais dedicados, que a bondade do Senhor colocou em minha vida.

Desde o início de seu matrimônio pertencem ao MFC – Movimento Familiar Cristão onde estão até hoje, inseridos na Equipe Sol do INFA/Rio de Janeiro. Por muitos anos, dedicaram-se ao apostolado familiar e coordenaram os Cursos de Preparação ao Casamento em várias paróquias, com a Bibliografia do MFC e da Pastoral Familiar.

Hoje, apesar da idade, continuam trabalhando com os noivos (EPVM -Encontros Preparação Vida Matrimonial) da Paróquia de São Bartolomeu na Comunidade da Tijuquinha, na coordenação do Curso de Acompanhantes e Familiares de Idosos e na gerência do INFA – Instituto da Família, que é um serviço do MFC voltado ao tratamento e ao aconselhamento de famílias carentes de orientação.

Regina Maria da C. Mesquita

MFC – Equipe Sol do INFA - RJ

fato-e-razao-95.indd 6 21/09/2016 22:01:26

À espera da bala

*Mauro Morais**

Do sofá,, minha mãe contou: um, dois, três.. Da janela, minha irmã viu: estava tá, a alguns metros, um corpo estendido chão. Era Caio. Eram cinco, os tiros. Acima dele, era a mãe, tão impotente quanto eu, que passava minuto depois pelo mesmo lugar onde ando diariamente.Impressionada, minha filha falava dos bandidos. Assustado, eu questionava o ponto a que chegamos. Indignidada, minha mãe clamava por um novo endereço. Minha irmã tremia. Era início de noite, um domingo, na esquina da Olegário Maciel com Monsenhor Gustavo Freire, onde milhares passam todos os dias.

Num instinto primitivo, procuramos o culpado, como se o dono da arma levasse consigo a paz das ruas. O que está em jogo não é a simplista rivalidade entre trabalhadores e bandidos. Ou deixemos de apontar o dedo para estender as mãos ou continuaremos reféns de uma guerrilha que não acaba quando fechamos a porta de casa.

A questão é: como explicar à minha irmã a vigilância ostensiva das equipes olímpicas num hotel a poucos quilômetros do seu lar enquanto sua rua permanece esquecida? A mesma rua onde, há cerca de um mês, quando ela e minha mãe voltavam de um passeio, um homem passou atirando de dentro de um carro em direção a um jovem bem ao lado delas. Leoa, minha mãe se abaixou, abraçou minha irmã e aguardou. Depois, seguiram.

Como continuar seguindo? Dessa vez, a bala calou um homem, uma mãe, uma família e uma vizinhança. E silenciou minha irmã, que em seus 11 anos sente o gosto amargo que algumas balas podem ter. Dessa vez foi na esquina da minha rua, foi na porta da casa da minha mãe, foi no chão em que eu piso, foi na nossa coragem de continuar passando por ali...

Valemos menos, mas servimos. Minha mãe serve como costureira; seu marido, como porteiro; eu, como jornalista.

Depois de servir, nos enjaulamos, encurralados e, ainda assim, vulneráveis. Vítimas somos todos do revólver de um Poder Público que escolhe a omissão em vez de assumir as rédeas de sociedade doente. Em vez de acreditar na regeneração, apostar na cultura como impulso transformador, oferece caminhos dignos e nobres.

Numa verdadeira miopia social,

fato-e-razao-95.indd 7 21/09/2016 22:01:26

enxergamos um noticiário violento e nos negamos a abrir as janelas para sentir o cheiro da pólvora. Culpados somos todos, num egoísmo contínuo de não perceber que o terror que aflige o outro acinzenta toda a cidade. O risco é partilhado, enquanto a dor relegamos ao outro, sem misericórdia. Menos um?

Queria dizer à minha irrnã: "Segurança é a certeza de que a vida pode ser feliz". Infelizmente, é isso que nos é tomado quando o Poder Público nos olha e não nos enxerga. Na minha turma da escola pública, formamos todos, trabalhamos todos, nos alegramos todos. A despeito da expectativa pública, nós, pobres, servimos. Demos certo quando o destino nos dizia não. Chegamos longe quando o distante era a pouco mais de um passo.

Caio, que não conhecí vivo, não teve tal sorte. Caio, que conhecí morto, teve apenas a invisibilidade, que vai enterrá-lo nas estatísticas. Caio, de que só soube o nome pelo noticiário, seria pai daqui a alguns meses. Será lembrado pelo filho nascido, pelo filho aguardado, por toda a família, pelos amigos e pela minha assustada irmã. Quando sair e quando voltar, minha pequena Clarice se lembrará do corpo que levou a bala também prometida para nós.

** Mauro Morais é Jornalista. Transcrito da Tribuna de Minas*

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

fato-e-razao-95.indd 8 21/09/2016 22:01:27

A humanização e a desumanização do trabalho

2ª Parte
Conclusão

Introdução: No artigo de Ivonil Parraz, publicado na Vida Pastoral 306) a autora propõe que a partir sobretudo da revolução tecnológica o trabalho tende à desumanização.

Na perspectiva de possibilitar uma reflexão centrada no "mundo do trabalho", a equipe editorial de Fato & Razão levou a seus leitores, em duas partes, o referido texto.

Na primeira parte, publicada na edição 94, foi abordada "A nova configuração do trabalho e a subjetividade do trabalhador".

Nesta edição continuamos a apresentação do trabalho refletindo sobre "O trabalho vigiado e a dimensão social do trabalho".

O TRABALHO VIGIADO

Na revolução tecnológica, a vigilância se dá na própria formulação do espaço de produção: a celularização (PINTO, 2007, p. 79). As "células", segundo Geraldo Pinto, contam com uma liderança entre seus trabalhadores. Os líderes podem ser eleitos pelos próprios companheiros. Sua função consiste em "assegurar o funcionamento perfeito dos postos de trabalho, bem como a comunicação entre as células e a administração da empresa" (PINTO, 2007, p. 80). Com a celularização, tornou-se possível um controle maior sobre os trabalhadores. Cada célula é responsável por uma etapa definida do processo produtivo. Isso permite aos proprietários dos meios de produção averiguar os níveis de produtividade atingidos por cada célula, bem como as dificuldades ou a falta de conhecimento e criatividade que os operários têm apresentado em cada uma delas. A formação do espaço de produção em escala menor permite uma visibilidade maior dos operários.

A administração da empresa estabelece cumprimento de metas para cada célula. Os membros destas distribuem, entre si, as atividades de trabalho. A intenção disso é fazer que cada trabalhador "conheça e compreenda" o funcionamento dos postos de trabalho de toda célula (PINTO, 2007, (p. 89). A constante mudança de postos de trabalho provoca no operário crises sucessivas de adaptação, uma vez que dele se exigem inúmeras habilidades, sempre em mutação. Tais crises fazem-no manter sempre a concentração na tentativa de superá-las. Disso resulta a ausência de reflexão do trabalhador sobre sua condição social no

fato-e-razao-95.indd 9 21/09/2016 22:01:27

ambiente do trabalho. Mas não só. O "espaço celularizado" impossibilita a comunicação entre os operários sem que a administração saiba. Com efeito, impede-se qualquer tentativa de articulação entre eles. Emprega-se, assim, no local de trabalho uma relação ininterrupta de vigilante/vigiado. O panoptismo invade a fábrica.

O sentimento de estar constantemente vigiado não é provocado somente pela relação vertical patrão-operário. Também entre os próprios membros da equipe de trabalho (as células) predomina esse sentimento. A avaliação patronal não se faz sobre cada operário, mas sobre a equipe de trabalho.Qualquer falha - desinteresse, baixa criatividade ou rendimento de um dos membros transforma-se em ameaça para o restante da equipe. Esta passa a exigir mais do colega de grupo até levá-lo ao constrangimento, no lugar da empresa (PINTO, 2007, p. 92). O olhar vigilante da empresa, "olhar invisível" que tudo manipula, é multiplicado pelo número de membros de cada equipe. O trabalho em equipe, tão exaltado em nossos tempos como veículo de sociabilidade, com seu fingimento de comunidade, na realidade se torna instrumento de exploração. Está a serviço do capital, e não do trabalhador. O trabalho em equipe é um engodo!

Cada membro da equipe torna-se um vigilante, pois, se um fracassa, todos fracassam. Cada um tem o poder, embora não tenha autoridade. Esse jogo de poder gera angústia e sofrimento. Caso o operário não realize o que dele é exigido para o bom desempenho produtivo do grupo, pode ser avaliado negativamente pelos colegas e chegar a perder o emprego. Além disso, impõe-se ao operário a disponibilidade para novas empreitadas, iniciativas ou certas atividades contrárias ao seu modo de proceder. Para não perder o emprego, ele acaba aceitando-as. O sofrimento sempre acompanha o trabalhador. Sua vida faz-se de "incertezas e angústias" (SANSON, 2010, p. 18). Perante essa situação, como pensar uma teologia do trabalho?

4. A DIMENSÃO SOCIAL DO TRABALHO

As reflexões antropológicas sobre o trabalho e o ser humano da Carta Encíclica Laborem Exercens de João Paulo II se fundamentam em Gn 1,27-29. Para o pontífice, o ser humano domina e submete a terra porque,como imagem de Deus, é uma pessoa; isto é, um ser dotado de subjetividade, capaz de agir de maneira programada e racional, capaz de decidir por si mesmo e tendente a realizar-se a si mesmo. É como pessoa que o homem é sujeito do trabalho. É como pessoa que ele trabalha realiza diversas funções [...] as quais devem servir para a realização da sua humanidade e para o cumprimento da vocação a ser pessoa, que lhe é própria em razão de sua mesma humanidade (LE 6).

Deus criou o ser humano como ser livre: capaz de escolher e decidir. Como ser livre, ele possui a capacidade de dominar e submeter o mundo visível. A liberdade humana se dá, em primeiro lugar, na sua relação com os outros igualmente livres, uma vez que Deus o criou pessoa em relação às outras, à semelhança das Pessoas divinas, e não fechada em si mesma. Na relação da pessoa

fato-e-razao-95.indd 10 21/09/2016 22:01:27

com as demais se encontra a sua dignidade. Com efeito, a pessoa humana é um ser essencialmente social. Sua liberdade está em sua dimensão social. Liberdade e sociabilidade são inseparáveis. É nessa conjunção que se reconhece a dignidade humana.

Ora, "o trabalho é uma relação social" (GASDA, 2010, p. 585). No mundo do trabalho, o ser humano é chamado a exercer sua liberdade e expressar sua dignidade. Nesse sentido, pode-se entender a afirmação da Laborem Exercens: "Quando trabalha, o homem não transforma apenas as coisas materiais e a sociedade, mas realiza-se a si mesmo" (LE 26). Todavia, só há a realização do humano se e somente se o fim do trabalho for a pessoa humana, e não um fim em si mesmo, como se verifica no sistema capitalista de produção.Assim como a obra da criação divina tem por fim o ser humano, também o trabalho deve ter esse mesmo fim. Somente desse modo toda pessoa humana domina e submete o mundo.

Como relação social, o trabalho constitui parte essencial no processo de socialização humana. Pode-se sustentar que sua característica principal é ser espaço de reconhecimento do outro (GASDA, 2010, p. 588), pois por ele as coisas materiais e a sociedade são transformadas e o ser humano se realiza.Exatamente por isso o trabalho humano pode ser considerado continuação do trabalho divino. Deve ser criador como foi o do Criador. Nele o ser humano se reconhece à imagem de Deus. Todo trabalho que reflete o ser humano como imagem e semelhança de Deus humaniza; o contrário desumaniza.

À luz da dimensão social do trabalho, proposta pela Laborem Exercens, a nova configuração do trabalho, que atualmente se desenha no sistema de produção capitalista, não se apresenta como humanizadora. Nela não se reflete o humano como imagem e semelhança de Deus. No espaço celularizado, onde cada trabalhador tem de se comportar como vigilante do outro, não há lugar para o trabalho como espaço de reconhecimento do outro: não se valoriza o trabalhador, busca-se vigiá-lo. A relação vigilante-vigiado é o avesso das relações entre pessoas. No trabalho em equipe, em que cada operário tem de atingir sua parte no patamar de produtividade exigido de cada célula, está ausente a relação entre pessoas. Falar de liberdade no trabalho pelo simples fato de o trabalhador poder criar, usar de seus conhecimentos e inventar em vista tão somente do aumento da produtividade - portanto, não sendo considerado em sua dignidade de pessoa - é a mais absurda das ideologias. Equivale ao absurdo de sustentar que a servidão é voluntária. A nova configuração do trabalho, com todo o aparato que o sustenta, é o desmentido deum trabalho humanizador. O sofrimento que o trabalhador enfrenta no dia a dia nega a sua dignidade. O trabalho atual não realiza o ser humano, ao contrário, o oprime. O operário vive para o trabalho. O conhecimento que ele adquirefora da fábrica, emprega-o nela. Em seu descanso, dedica-se ao trabalho. Ao contrário do proposto no livro do Gênesis, no qual o trabalho visa ao descanso e, neste, o trabalhadorcontempla a sua obra e se encontra consigo mesmo, o descanso do operário

fato-e-razao-95.indd 11 21/09/2016 22:01:27

visa ao trabalho; ou seja, é o trabalho per se, e não o trabalho para o trabalhador. O trabalho humano do Gênesis se opõe ao trabalho desumano da revolução tecnológica.

Diante dessa nova configuração do trabalho, como propor uma espiritualidade do trabalho? De que modo o trabalhador, oprimidoem seu trabalho, pode encontrar nele a fonte

de libertação, o rosto de um Deus Amor? Que caminho propor para o operário sente-se imagem de Deus num trabalho que não lhe possibilita a realização de st mesmo, tampouco atransformação da sociedade? O que se rode dizer ao ser humano foi desumano da exploração capitalista senão que o trabalho nesse sistema, corrói até mesmo o caráter de muitos? Do contrário, quem em sã consciência se tornaria vigilante do colega se não se sentisse vigiado por ele? Somente num espaço em que as pessoas têm condições de se relacionar àsemelhança das Pessoas divinas pode-se falar de uma espiritualidade do trabalho pois somente assim os trabalhadores podem viver em comunhão, na construção de um mundo em que impera a solidanedade.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.

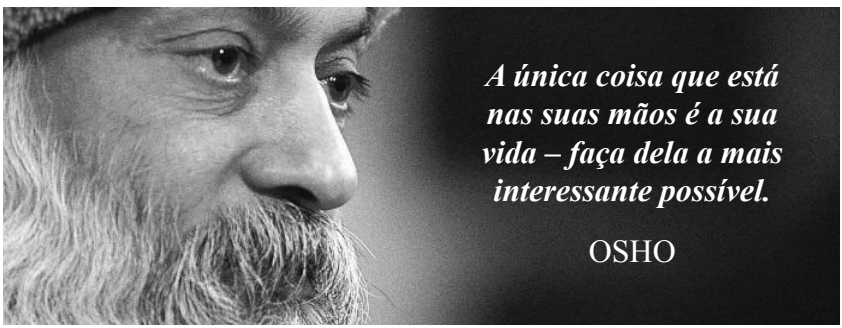
FOULCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1991.

GASDA, E. E. El sentido del trabajo. 2010. Tese de doutorado — Facultad de Teologia, Departamento de Teologia Moral y Praxis de la Vida Cristiana, Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2010. p. 301-345; 533-614.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica Laborem Exercens sobre o trabalho humano. São Paulo: Loyola, 1981. KATZ, H.; GREINER, C. Arte e', cognição. São Paulo: Annablume, 2015.

PINTO, G. A. A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANSON, C. Trabalho e subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial. Cadernos IHU, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 8, n. 32, 2010.



fato-e-razao-95.indd 12 21/09/2016 22:01:27

Liturgia doméstica: Celebração comunitária conduzida por laicos cristãos

A MESA DA PARTILHA

Estamos aqui reunidos, em torno da nossa mesa, para celebrar a memória de Jesus de Nazaré. Memória do seu ser, sua vida, sua prática. Vamos fazer o que Ele nos mandou fazer. Pouco antes de sofrer e morrer ele nos convidou a partilhar o pão e o vinho, em sua memória. Assim o fizeram, em suas casas, os primeiros cristãos.

L1 - Jesus gostava de comer e beber com seus amigos, a ponto de ser chamado de comilão e beberrão. Mas convidava para a sua mesa todos os que eram desprezados pela sociedade do seu tempo. Por isso era também criticado. Um absurdo comer com publicanos e pecadores, com os pobres e pessoas de má fama.

L2 - Assim, a mesa em que se partilha o pão e o vinho entre todos se tomou o símbolo central do movimento que ele liderou e ao qual aderimos dois milênios depois. A partilha, para os cristãos, é um símbolo mais central do que a cruz, que foi um acidente cruel.

L3 - O anúncio do Reino, centro da pregação de Jesus, é o anúncio de uma ordem social igualitária, justa e fraterna, na qual o pão é partilhado entre todos para que ninguém seja atormentado pela fome.

L4 - Jesus, depois da ressurreição, só foi reconhecido pelos próprios discípulos no caminho de Emaús ou no episódio da pesca, ao preparar a refeição e partilhar com eles pães e peixes. A mesa da partilha tomou-se o símbolo perfeito do anúncio do Reino.

L5 - O pão e o vinho representam os bens da natureza e os frutos do trabalho dos homens que de-

fato-e-razao-95.indd 13 21/09/2016 22:01:27

vem ser repartidos entre todos. Jesus desafia todos os seus seguidores à partilha de seus bens, seu saber, seu tempo e tudo mais que se tem em abundância e falta aos outros. A colocar seus bens, dons e talentos a serviço do outro, como Ele o fez em sua vida.

L6 - Jesus ainda explicou na parábola do Juízo: só o que partilhamos com o outro, para a sua humanização, conta como mérito no julgamento. Porque, em cada outro, Ele está. O outro é Ele. "O que fizeste pelo outro, a mim o fizestes".

L7 - Jesus é aquele que tem fome, com quem partilhamos o nosso pão abundante; aquele que não sabe, com quem partilhamos o que sabemos. Há muitas maneiras de partilhar.

L8 - Jesus é aquele que jaz na cama do hospital ou na cela da prisão com quem partilhamos o nosso tempo e afeto; aqueles que esperam passar de condições menos humanas para condições mais humanas porque com ele partilharemos o que somos, temos e sabemos.

L9 - Mas no momento derradeiro, ao fazer da partilha do pão e do vinho o modo de celebrar a sua memória, Jesus foi mais longe. Deixou-nos o desafio da partilha mais radical, partilha do próprio ser, até o limite do sacrifício. Para que assim se produzam sinais do Reino. Para que aconteça a partilha dos dons da natureza e os frutos do trabalho dos homens.

C - Um momento de troca: "o que partilhamos, o que podemos partilhar mais generosamente?

C - Assim, ao partilhar o pão e o vinho, Ele disse aos que participaram da ceia derradeira:

isto é o meu corpo. Isto é o meu sangue. Façam isto em minha memória.

C - Agora, como expressão do nosso compromisso com o Reino anunciado, vamos repetir esse gesto de Jesus, partilhando este pão e este vinho entre todos, em sua memória.

(Reparte-se o pão e o vinho entre todos)

Paraliturgias do MFC

Crucifixo nos tribunais

*Paulo Roberto de Gouvêa Medina**

O Conselho da Magistratura do Rio Grande do Sul determinou a retirada de crucifixos dos recintos forenses naquele estado. A decisão foi tomada por unanimidade, a requerimento da Liga Brasileira de Lésbicas. O fundamento é o de que a presença de símbolos religiosos em prédios públicos não se coaduna com o caráter laico do Estado brasileiro.

As razões invocadas não são novas nem convincentes. O Estado é laico, mas não é avesso às religiões. Alexis de Tocqueviíle, descrevendo, nos fins do século XIX, as instituições políticas americanas, destaca, em primeiro plano a religião. No seu livro clássico "A democracia na América" mostra como, a despeito da separação existente entre Estado e Igreja, a fé religiosa influencia o funcionamento das instituições nos Estados Unidos. Não é diferente a situação no Brasil, bastando observar que no preâmbulo da nossa Constituição está dito que os representantes do povo a promulgavam "sob a proteção de Deus".

No caso em questão, cumpre considerar, que os crucifixos foram entronizados nas dependências da Justiça, e nelas se conservam, por força de uma tradição que remonta ao Império e que a República não aboliu. Se, porventura, os que não professam a fé cristã sentem-se incomodados com a sua presença naqueles ambientes, os que, em grande maioria, dela compartilham sentir-se-ão ultrajados com a abrupta retirada desses sírnbolos.

O crucifixo, no austero recinto dos tribunais, lembra aos juizes e aos demais protagonistas da atividade judiciária, a maior de todas as injustiças que a história da humanidade registra. O Cristo pregado nacruz desperta o sentimento religioso, mas infunde também no espírito humano uma advertência, para que ninguém seja julgado como ele foi.

Para os que creem em Deus e cultuam a figura de sua encarnação humana, retirar-lhe a imagem dos recintos forenses, quase dois mil anos depois do seu sacrifício, é, de certo modo, repetir a cena em que a turba infeliz, interpelada por Pilatos, optou por que se soltasse um condenado comum, Barrabás, em vez de libertar-se aquele que a história consagraria como o justo.

Paulo Roberto de Gouvêa Medina
É Conselheiro Federal da OAB.
Transcrito da Tribuna de Minas

fato-e-razao-95.indd 15 21/09/2016 22:01:27

Desafio da vida real

*Rosely Sayão**

Ah, as redes sociais virtuais... Elas são capazes de causar grandes estragos na vida das pessoas, não é verdade? E não me refiro aos estragos que dizem respeito à reputação, à moral, à sexualidade, à exposição da intimidade, que também ocorrem, e muito!

Estou pensando no tal "desafio da maternidade" que rolou no Facebook. No início, parecia uma brincadeira boba, dessas que as crianças fazem entre si: "Vamos postar nossas fotos com os vestidos mais bonitos e ver quem ganha mais curtidas?", por exemplo.

A proposta do "desafio da maternidade" foi a de postar três fotos que deveriam mostrar a felicidade da mulher no papel de mãe. Depois, essa tinha de desafiar outras três e, assim, o desafio multiplicou-se numa grande velocidade. Ah! Que coisa mais romântica!

Uma foto com os filhos nunca corresponde à realidade vivida cotidianamente como mãe, nem mesmo um vídeo é capaz disso: mesmo nesta época do "Sorria! Você está sendo filmado", não somos quem somos quando longe das câmeras.

Uma foto é um recorte planejado para ser apreciado, para fazer bonito, já que será congelado por muito tempo e visto – e julgado – pelo outro! Quem já teve a oportunidade de observar pessoas fazendo selfie sabe muito bem como elas buscam seu melhor ângulo, seu sorriso mais bonito, seu olhar mais sedutor. Todo mundo quer sair bem na foto! Com os filhos, então, nem se fala!

Mas a brincadeira do desafio não terminou bem, como eu já esperava. Afinal, sempre que há competição pode haver alguma confusão. Algu-

fato-e-razao-95.indd 16 21/09/2016 22:01:28

mas mulheres desafiadas reagiram à ideia da maternidade romantizada e desabafaram.

Quem não sabe que o exercício da maternidade é uma tarefa árdua? Mas a reação não foi bem recebida por muitas mães que estavam gostando da brincadeira, e pronto: confusão armada. Sobrou cartão amarelo para algumas, vermelho para outras, torcidas organizadas brigando, e o escambau.

O que podemos aprender com esse evento? Muita coisa, e quero ressaltar algumas delas.

Primeiramente: o exercício da maternidade é um desafio pessoal. PESSOAL! A maternidade envolve nossos afetos, nossos anseios, nossas potencialidades, nossas limitações, nossas "neuras", entre tantas outras coisas. E a verdadeira performance de cada mulher como mãe só se dá longe, bem longe do olhar dos outros. Só a própria mãe sabe – e nem sabe tudo! – o que se passa quando ela tem filhos.

O segundo ponto é delicado: estamos em busca da imagem de "mãe perfeita", e a internet tem grande colaboração nessa história. Mesmo nos desabafos, há essa busca: "Vejam que sou perfeita, porque assumo minhas imperfeições". Isso é o que podemos ler nas entrelinhas das mensagens e posts.

Esse ideal de mãe que procuramos é inatingível, atrapalha a realidade cotidiana de cada mãe, que já tem em seu imaginário essa meta, e provoca essa verdadeira competição exibicionista.

O último ponto que quero ressaltar é que ser mãe, hoje, parece ser um esporte olímpico em que só há três lugares no pódio. Às demais só resta a culpa por não ter conseguido chegar lá.

O que é isso, minha gente? Mães precisam se apoiar, ser empáticas umas com as outras, generosas, acolhedoras com as diferenças e as limitações – próprias e das outras –, sensatas e solidárias, já que cada uma sabe das suas dores e delícias no exercício da maternidade.

Rosely Sayão é Psicóloga e Consultora em Educação

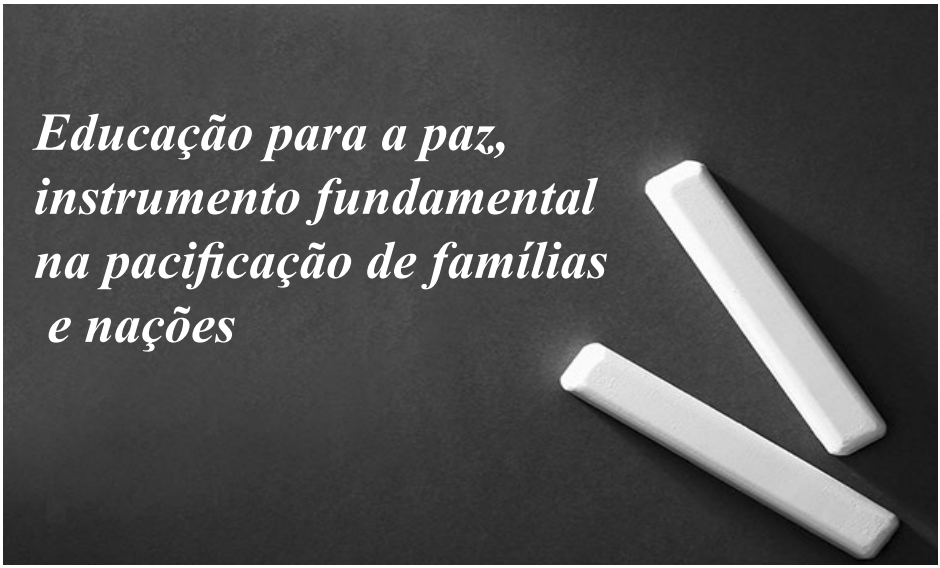
Transcrito da Folha de São Paulo

Amizade só faz sentido se traz o céu para mais perto da gente e se inaugura aqui mesmo o seu começo.

Chico Xavier

fato-e-razao-95.indd 17 21/09/2016 22:01:28

Educação para a paz, instrumento fundamental na pacificação de famílias e nações



Deonira L. Viganó La Rosa

Estar em paz é uma das mais antigas aspirações humanas. Contudo, é mais fácil fazer a guerra do que construir a paz. Estamos todos esmagados pela violência cotidiana em todas as áreas e quadrantes, o que prova que é fácil ser violento, difícil é ser pacífico, ser promotor de paz.

Estar em paz é estar em estado de calma, marcado por ausência de perturbações ou violência com outras pessoas ou grupos humanos. Entretanto, a paz não se limita à ausência de conflitos. O termo engloba todo processo dinâmico, positivo, e participativo que favoreça o diálogo e a solução de conflitos num espírito de compreensão e de cooperação mútuas.

Por sua vez, ser educado é ter formação global em diversos níveis (religioso, moral, social). Mas a educação não se limita a puros saberes ou saber-fazer. Ela igualmente assegura a um indivíduo o desenvolvimento de todas as suas capacidades. Inclusive, deveria assegurar a habilidade de resolver pacificamente os conflitos. Não com a paz dos cemitérios, mas com a paz dinâmica que gera paz, que promove ações de paz.

Para colocar em prática a cultura da paz, a educação representa o meio mais pertinente. Longe, muito longe de nós a idéia de que cabe à Escola dar esta educação. Ela deve, sim, educar para a paz, mas, sobretudo as famílias devem usar metodologia especial para formar seres humanos de paz. Questionar sentimentos, propor tempo para reflexão sobre brigas e desavenças, incentivar soluções pacíficas, não perder ocasião. Educar para a paz é uma questão de escolha.

A PAZ COMO META E BUSCA HUMANA

A guerra é um produto da mente do ser humano. Se somos ca-

fato-e-razao-95.indd 18 21/09/2016 22:01:28

pazes de gerar violência, também somos capazes de criar harmonia

Os conflitos entre pessoas, grupos ou países são sempre conflitos de idéias, valores e poderes. Para fazer a população aderir à luta por seus objetivos, os promotores da violência se apóiam na propaganda baseada no ódio e na rejeição que podem tomar diversas formas: racismo, discriminação, exclusão, preconceito, religião, etc.

A cultura da paz, tal qual é definida pelas Nações Unidas, compreende o "conjunto de valores, de atitudes, de comportamentos e de modos de vida que rejeitam a violência, atacando suas raízes pelo diálogo e pela negociação entre os indivíduos, os grupos e os Estados".

"Não há caminhos que levem à Paz: a Paz é o caminho".

M. Gandhi

A cultura da paz não pode estabelecer-se e permanecer senão quando haja envolvimento dos governos e nações: são fundamentais um desenvolvimento econômico durável, o respeito a todos os direitos do ser humano, a igualdade homem/mulher, a participação democrática, o desenvolvimento à tolerância. Ela compreende também a promoção ativa do pluralismo e do diálogo entre os diferentes componentes da sociedade, do respeito ao Outro, da dignidade e da partilha.

Criar harmonia e sentido para a construção de um novo tempo só será possível quando re-significarmos nossas vivências e percebermos que é possível enfrentar as diversidades com atitudes menos egocêntricas e mais altruístas. É preciso buscar o encontro com o(a) outro(a) numa perspectiva de alegria, fé, esperança, renovação da própria vida. Só assim, outro mundo será, efetivamente, possível.

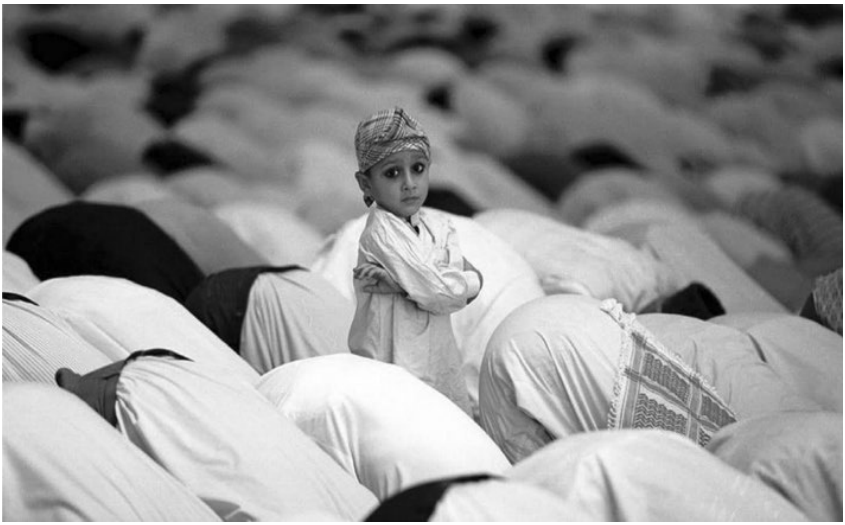
"Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" – que belo projeto de vida nos oferece Jesus em seu Sermão da montanha. Buscar ser manso, dia após dia, que paz e que maturidade emocional nos trará!!!

"Jamais, em todo o mundo, o ódio acabou com o ódio; o que acaba com o ódio é o amor.Guardar raiva é como segurar um carvão em brasa com a intenção de atirá-lo em alguém; é você que se queima" estes são ensinamentos de Buda.

É tempo de estancarmos esta visão de que a prática da violência e a falta de paz é responsabilidade somente dos outros. Todos somos corresponsáveis pela violência que se dissemina por aí, de um jeito ou de outro, participamos.

Deonira L. Viganó La Rosa
é Terapeuta de Casal e de Família
e Mestre em Psicologia.

fato-e-razao-95.indd 19 21/09/2016 22:01:28



Islã e democracia

*Peter Demant**

"Quando houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade, e se deitar com ela, então trareis ambos à porta da cidade, e os apedrejareis, até que morram." Versículo do Alcorão? Não, está na Bíblia (Deuteronômio 22:23,24).

"Quem matar uma pessoa (...) será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade; quem a salvar, será reputado como se tivesse salvo toda a humanidade." Sermão de Jesus? Não, revelação a Maomé (Alcorão 5:32).

Há entre islã, judaísmo e cristianismo mais semelhanças do que diferenças e eles compartilham muitos valores que estão na base dos direitos humanos; mas incluem outros valores, opostos. As maiores diferenças não estão entre as religiões monoteístas, mas dentro delas.

O momento é de luto. François Hollande, Barack Obama e Angela Merkel podem declarar que os terroristas não tem nada a ver com o islã, religião de paz. Mas, na verdade, os assassinos são muçulmanos cuja específica leitura da religião motivou os massacres.

Há no mundo muçulmano uma enorme diversidade de posições, de Osama bin Laden com sua prole política – os fanáticos do atual califado – até intelectuais muçulmanos reformistas e/ou "relapsos". Os perpetradores são uma ínfima minoria.

Mas não podemos negar que há um problema. O caráter islâmico dos assassinos de Paris é inegável. Será o islã mais violento do que outras fés, um viés que o torna incompatível com a democracia à ocidental?

A resposta é "não, porém...". A maioria dos muçulmanos rejeita

fato-e-razao-95.indd 20 21/09/2016 22:01:28

o terrorismo, buscando um meio termo entre sua religião e a convivência na democracia. Mesmo assim o Alcorão propõe um ideal de sociedade diferente da democracia advinda do iluminismo: não a soberania do povo e a autodeterminação da nação, mas a soberania de Deus e Seu governo.

Nisto, contudo, o islã pouco difere do cristianismo e do judaísmo. A solução para o dilema também será análoga: encontrar na sua teologia "jeitos" que permitam o casamento com a modernidade. A palavra de Deus não é mais lida literalmente, mas simbolicamente. Eventualmente tal solução acomodará também a maioria muçulmana.

Como no caso cristão e judaico, encontram-se também entre os muçulmanos os que rejeitam a modernidade. Alguns se afastam do mundo "corrupto". Outros tentam explodi-lo. Terroristas não são psicopatas que matam por matar. São pessoas que usam a razão a serviço de um ideal paradisíaco que mergulhou num totalitarismo mortífero.

A analogia é menos com o PCC ou nazistas do que com Mao Tse-tung ou Che Guevara: idealistas portadores de visão que se torna pesadelo. Talvez seja possível derrotar militarmente o Estado Islâmico e os que nele se inspiram. Mas enquanto o ideal vive, novos seguidores surgirão.

E não é possível extirpar o ideal pelo frio "realismo" baseado em êxito econômico, consumismo e prestígio social, a "vida boa" que o ocidental propõe. O ser humano não vive apenas de pão.

Nem é a falta de pão que turbina o terrorismo jihadista, por mais que colonização e imperialismo tenham seu papel na sua gênese. Como foi o caso dos bolcheviques, os que hoje se enquadram no jihadismo abraçam as soluções erradas, mas fazem-no em resposta a perguntas bem reais.

Pode-se temer agora entre os europeus uma reação xenófoba, o que jogaria mais jovens desiludidos nos braços da jihad. Só uma outra ideologia pode satisfazer o buraco que o jihadismo preenche.

A não ser que a sociedade desenvolva um ideal que satisfaça desejos de inclusão, dignidade e transcendência embutidos em todos, ideologias com alas violentas continuarão preenchendo o vácuo.

Hoje temos pela primeira vez amplas diásporas muçulmanas no Ocidente. As reações, tanto no âmbito da sociedade "anfitriã" quanto na comunidade muçulmana, são diversas. Pode-se esperar dos recém-chegados uma dose de adaptação, mas nós ocidentais não podemos negar nossa responsabilidade histórica. A alternativa, um choque de civilizações, colocaria em perigo nosso futuro coletivo.

Peter Demant, 64, é professor de história e relações internacionais na USP e autor de "O Mundo Muçulmano" (ed. Contexto, 2010)

Transcrito da Folha de São Paulo

fato-e-razao-95.indd 21 21/09/2016 22:01:28

Lâmpadas e inteligências

Rubem Alves*

Num dos meus momentos de vagabundagem, um pensamento me apareceu que fez uma ligação metafórica entre lâmpadas e inteligências que nunca me havia passado pela cabeça. Tratei, então, de seguir a trilha.

As lâmpadas servem para iluminar. Para isso são dotadas de potências de iluminação diferentes. Há lâmpadas de 60 watts, de 100 watts, de 150 watts etc. Qual é a melhor lâmpada? Parece que as de 150 watts são as melhores porque iluminam mais. Também as inteligências servem para iluminar. Tanto assim que se diz "tive uma ideia luminosa!". E nos gibis, para dizer que um personagem teve uma boa ideia, o desenhista desenha uma lâmpada acesa sobre a sua cabeça. E também as inteligências, à semelhança das lâmpadas, têm potências diferentes. Os psicólogos inventaram testes para atribuir números às inteligências. A esses números deram o nome de QI, coeficiente de inteligência. Segundo as mensurações dos psicólogos, há QIs de 100, de 150, de 200... Ah! Uma pessoa com QI200 deve ser maravilhosa! Porque, como todo mundo sabe, inteligência é coisa muito boa! Todo pai quer ter filho inteligente. Mas as lâmpadas não são objetos de contemplação. Não se fica olhando para elas. Olhamos para aquilo que elas iluminam.

Uma lâmpada de 150 watts pode iluminar o rosto contorcido de um homem numa câmara de torturas. E uma lâmpada de 60 watts pode iluminar uma mãe dando de mamar ao filhinho. As lâmpadas valem pelas cenas que iluminam. As inteligências valem pelas cenas que iluminam. Há inteligências de QI 200 que só iluminam esgotos e cemitérios. E há inteligências modestas, como se fossem nada mais que a chama de uma vela, que iluminam o rosto de crian-

fato-e-razao-95.indd 22 21/09/2016 22:01:28

ças e jardins. A inteligência pode estar a serviço da morte ou da vida. A inteligência, pobrezinha, não tem o poder para decidir o que iluminar. Ela é mandada. Só lhe compete obedecer. As ordens vêm de outro lugar. Do coração. Se o coração tem gostos suínos, a inteligência iluminará chiqueiros, porcos e lavagem. Se o coração gosta de crianças e jardins, a inteligência iluminará crianças e jardins. Por isso é mais importante educar o coração que fazer musculação na inteligência. Eu prefiro as inteligências que iluminam a vida, por modestas que sejam.

**Rubem Alves (1933-2014) foi teólogo, pedagogo, poeta e filósofo brasileiro. É autor de diversos livros, sobre diversos assuntos, entre eles, filosofia, teologia, psicologia e histórias infantis.*

AVISO AOS ASSINANTES

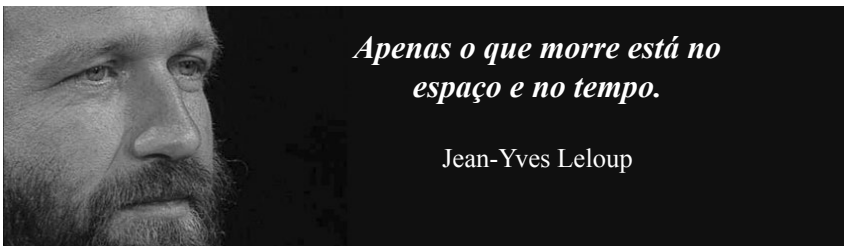
1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



fato-e-razao-95.indd 23 21/09/2016 22:01:28

Movimento Escola sem Partido é um partido cheio de contradições

Angela Alonso*

Veio ao mundo o projeto de lei Escola sem Partido. Nasceu na família brasileira tradicional. Seu pai é o senador Magno Malta (PR -ES), e são seus irmãos os planos de redução da maioridade penal, de criminalização do aborto e de revogação do Estatuto do Desarmamento. Tem ainda laços de sangue com a estirpe xenófoba que se espalha por Europa e Estados Unidos. Com a saúde que exibe a linhagem, é de se esperar muitos novos rebentos. O Escola sem Partido, como seus parentes, exprime uma maneira de pensar a convivência em sociedade. A certidão de nascimento revela a identidade: ensinar sem partidarizar.

O site da família detalha tim-tim por tim-tim a aversão à parentela oposta, a dos com-partido. São desafetos os portadores de valores contrários. Depoimentos de aderentes o elucidam. Temem que adolescentes aprendam sobre igualdade de gênero e combate à homofobia, discutam pressupostos religiosos e se filiem a movimentos sociais de esquerda.

A lista é mais longa, mas seu sumo é a crítica a qualquer estímulo à liberdade de pensamento. Os sem-partidos receiam a "contaminação ideológica" – como se também não exprimissem uma ideologia – e propagandeiam como antídoto uma "biblioteca politicamente incorreta". Mobilizam-se em defesa da família brasileira, instituição que julgam sob ameaça, cerceada em sua liberdade de transmitir valores.

A queixa exprime tensão antiga entre particular e universal. A família vincula por sangue e afeto e é o espaço mais potente de reprodução da hierarquia social. Dê uma olhada em volta: quem nasce em casa de médico, advogado, engenheiro, costuma adquirir idêntico diploma. Já a escola propicia, ou deveria, convivência compulsória com o diferente em corpo e alma. A experiência da diversidade incute a tolerância ao apresentar o distinto antes como complemento que como ameaça. A escola também provê, ou deveria, um escape da família.

Os sem-partido protegem a liberdade dos pais de transmitir suas crenças, mas a escola defende a dos filhos de produzir as próprias: proporciona

fato-e-razao-95.indd 24 21/09/2016 22:01:29

estilos alternativos de pensar, crucial para constituição de pensamento autônomo. Provê uma liberdade que os sem-partido negam, a de dissentir dos consanguíneos.

Acima disse "a escola deveria" porque na prática sua versão privada espelha a segregação social, se restringe a um estrato, com mesmos hábitos, renda, cor e sobrenome. De seu lado, a escola pública, pelas dificuldades conhecidas, recebe apenas os sem renda suficiente para se refugiarem na escolarização privada. Cada um dos modelos tende a reproduzir uma ponta da pirâmide social. Sobra homogeneidade no grupo do alto, como no de baixo. Nenhum deles precisa da redução adicional da diversidade propalada pelos partidários do Escola sem Partido.

Isso mesmo: partidários. Os defensores do projeto falam em nome da nação, mas compõem partido no sentido lato da palavra. Os partidos políticos modernos apareceram simultaneamente aos parlamentos e movimentos sociais. São invenções ocidentais de fins do século 18, já demonstrou Charles Tilly. Primos-irmãos, movimentos e partidos se distinguem no grau de institucionalização, mas visam o mesmo: exprimir demandas sociais sobre assuntos públicos. No Brasil Império, o segundo termo aludia a grupo de interesse – "partido do café" – ou de ideias – "partido abolicionista". Partido como facção, a favor ou contra certa causa.

A palavra remete ao ato de partir e desvela a existência do todo que nenhuma parte representa por completo. Aponta que o sentido do conjunto está sob contenda. A sociedade é heterogênea, heterogêneas são suas aspirações. Nas democracias, as divergências resolvem-se no voto, em vez de pela força – ou por manobras, como no Brasil de hoje. Mas não desaparecem, nem desaparecerão por mandinga ou projeto de lei. E é bom que assim seja, que haja campo para desacordo. Nenhum partido é a nação, esse ente abstrato. A comunhão pátria é excepcional – saliente nas guerras e copas do mundo. No dia a dia, cada um tem seu time, sua religião, seu estilo de vida, seu partido.

Os apoiadores do Escola sem Partido têm o seu, compõem partido de ideias. Trata-se de contradição, mas não a única: negam os partidos, mas agem por meio de um deles – o Partido da República, que de republicano não tem nada.

O partido do Escola sem Partido propaga uma autoilusão, a de encarnar a pátria. Ora, os rumos da nação estão sempre em disputa. Sua encarnação em um líder ou confraria de ungidos só é possível quando se esmaga o adversário. Erdogan deu o exemplo na Turquia, ao fechar seis centenas de escolas.

** Angela Alonso é Professora do departamento de sociologia da USP e presidente do Cebrap. É autora de 'Flores, Votos e Balas' (Companhia das Letras, 2015).*

Transcrito da Folha de São Paulo

fato-e-razao-95.indd 25 21/09/2016 22:01:29

Nosso desafio como cristãos

"Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou"(Gn 1,27), com consciência capaz de amar, perceber, refletir, conhecer a realidade, falar, optar, comprometido com a humanização, protagonista e não mero expectador.

Portanto, é um enorme desafio diante das inúmeras incoerências que nos rodeiam, como a radicalização da subjetividade, a cultura do prazer, do relativismo, da superficialidade, do individualismo, do descompromisso, do efêmero, descartável, da insalubridade moral, do epidêmico uso de drogas, do consumismo compulsivo.

É comum encontrar pessoas com uma fé confusa, superficial, acreditam em qualquer coisa, escolhem religião como quem procura uma roupa na loja...

Novas tecnologias que vão adquirindo uma auréola mágica e determinista, passando a ser condição de felicidade, submetendo o ser humano a potências com um poder sem limite, endeusadas por futurólogos deslumbrados.

Há o cultivo das aparências em detrimento da realidade mais profunda. Há também a grave situação da existência de grandes parcelas da população sem memória e senso crítico, manejadas facilmente pelo poderoso monopólio de uma informação fragmentada, unilateral, que não dá tempo para análise, anestesiando as consciências. Lembremo-nos da recomendação

fato-e-razao-95.indd 26 21/09/2016 22:01:29

de São Paulo: "Não seremos mais crianças, joguetes das ondas, agitadas por todo vento de doutrina"(...) (Ef4,14). E o papa Francisco enfatiza: "A comunicação pela metade faz mal."

Torna-se cada vez mais corriqueiro o atendimento aos próprios interesses, utilizando procedimentos espúrios, em busca do poder e do dinheiro. Fica-se refém de grupos cuja conduta desautoriza sua legitimidade para dirigir toda a sociedade.

Observa-se o embuste da avalanche de "generosas" ofertas de empréstimos, colocando a pessoa num ascendente grau de endividamento.

João Paulo II adverte que o ser humano "não pode renunciar a si mesmo, nem ao lugar que lhe compete no mundo visível, ele não pode tornar-se escravo das coisas, escravo dos sistemas econômicos, escravo da produção e escravo dos seus próprios produtos"(Redemptor Hominis,16,2).

Como enfatizou a Campanha da Fraternidade deste ano, corremos o sério risco de esgotar nossas reservas materiais, principalmente a água doce. Embora saibamos ter de preservar a mãe-Terra, o único lar capaz de sustentar a vida, continuamos a envenenar as águas e a poluir o ar. A propósito, os apicultores vêm constatando uma acentuada redução de abelhas, ocasionada pela pulverização aérea de agrotóxicos nas lavouras, pela monocultura, queimadas e pelo desmatamento. É oportuno lembrar que o mel e a própolis ocupam um lugar importantíssimo em favor da saúde humana, como alimento e na elaboração de medicamentos.

Afirma o papa Francisco em sua EvangeliiGaudium(...) "com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são 'explorados', mas resíduos, 'sobras'"(n.53).

Temos, por exemplo, uma imagem constrangedora de famílias indígenas – as verdadeiras donas da terra de nosso país – vivendo em situação precária, à beira da estrada, aguardando por um pedaço de terra em que possam viver com dignidade. E o governo anuncia, com a maior naturalidade, que vai oferecer terras da Amazônia para estrangeiros, como se estivesse administrando uma republiqueta.

Para colaborar na transformação das pessoas e das estruturas sociais é preciso ter uma inspiração e uma força divinas a partir do Evangelho, sem as quais a ação seria vã e com as quais se torna fecunda, para construir uma sociedade que seja sinal de vida eterna, à luz de um Deus que é solidário e misericordioso, que espera ser epifania por meio do trabalho de cada um de nós.

José Francisco Marchiaro Britto
Pelotas/RS.

fato-e-razao-95.indd 27 21/09/2016 22:01:29

NOTA DOS EDITORES: Para a Oficina sobre a História do Movimento, Raimundo Pinto gravou um importante vídeo cuja cópia a Livraria coloca à disposição dos interessados pelo custo da expedição: R$ 10,00

ADEUS A RAIMUNDO PINTO APÓSTOLO DAS FAMÍLIAS CRISTÃS

Discorrer sobre a veneranda pessoa do nosso dileto amigo Raymundo Pinto é fácil. É só associá-lo à existência e à história do Movimento Familiar Cristão no Ceará.

Nos idos dos anos 70, recém-casados, minha mulher e eu passamos a frequentar reuniões onde cônjuges discutiam os problemas e as dificuldades matrimoniais das famílias, à luz dos ensinamentos evangélicos e cristãos. Em decorrência disso, participamos, num fim de semana, de um dos "encontros de casais" promovidos, naquela ocasião, pelo MFC. Foi lá, entre tantas pessoas notáveis, que distinguimos as figuras centrais e impulsionadoras daquele inesquecível momento, o casal Raymundo Pinto e Myrza.

De volta daquele labor, imensa era a nossa alegria por haver descoberto a existência, na nossa cidade, de criaturas tão desprendidas e compromissadas com o bem comum, com a saúde espiritual de nossas famílias. Neste "Manual de Instruções dos encontros", guardado como relíquia até hoje, escrito e datilografado pelas mãos abençoadas dele, está a prova do que digo.

Daí a nossa admiração e a nossa amizade sincera e desinteressada, que brotou, cresceu e se solidificou ao longo de todos esses anos de convivência leal e fraterna, como integrantes do grupo Paulo VI e membros atuantes do MFC.

De linhagem nobre, sólida formação intelectual, humanística e religiosa, jamais permitiu que as vaidades do conhecimento científico e agnóstico o desviassem do caminho da verdade do Divino Mestre, impregnada em seu coração, o "Senhor Jesus", como ele gostava de se referir.

Foi um batalhador incansável do nosso MFC, pugnou com denodo por sua expansão, promovendo e participando ativamente, com a Myrza, de encontros em diversas cidades do interior, como Sobral, São Benedito, Canindé, Russas e outras mais. Quantas belas para-liturgias elaborou para encontros regionais e nacionais, sempre que solicitado! Que ensinamentos preciosos aos noivos em preparação para o casamento! Quantos acon-

fato-e-razao-95.indd 28 21/09/2016 22:01:29

selhamentos a esposos em rota de desavenças e conflitos! Quantas lições magníficas e esclarecedoras sobre passagens difíceis e conflitantes das sagradas escrituras, tudo de forma paciente e didática, ao alcance do entendimento do interlocutor! Quantas palestras admiráveis e empolgantes sobre os mais diversos e variados assuntos!

Orador nato, figura carismática, empolgava e prendia a atenção de quantos tiveram a oportunidade, o prazer e o privilégio de ouvi-lo. Lúcido até os seus derradeiros dias, era um homem atualizado com os acontecimentos e as mudanças do mundo e da Igreja. Seria demorado desdobrar, aqui, a extensa folha de serviços prestados pelo casal Raymundo Pinto e Myrza à Igreja, à sociedade, às famílias e ao MFC. Fica o seu legado indelével de fiel servo de Deus e do próximo, que desenvolveu e multiplicou os talentos recebidos, que dignificou a vida semeando o bem em seu caminho, que amou intensamente sua mulher, seus filhos, noras, netos, parentes e amigos.

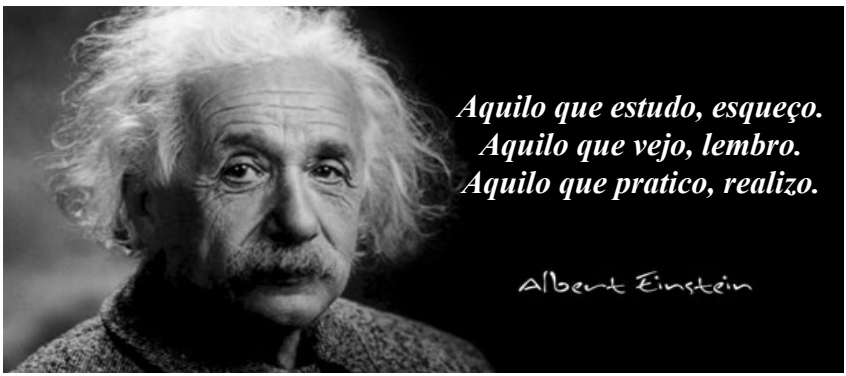
Reverenciando a sua memória, renovamos aos seus entes queridos os nossos sentimentos de dor e de tristeza por sua partida, pedindo ao bom Jesus e à virgem Maria que, agora, revestido de um corpo imperecível e luminoso, o acolham no paraíso.

Queremos expressar, ainda, em nome do nosso grupo Paulo VI, em nome de todos os que, no passado, pertenceram ao MFC, em nome dos que, ainda hoje, permanecem e lutam por seus ideais, e que, por essa razão, conheceram de perto e criaram laços de afeto, de amizade e de apreço ao doutor Raymundo Pinto, a nossa imorredoura saudade, a nossa eterna gratidão.

Obrigado, nobre amigo, por tudo quanto você foi e representou em nossas vidas.

Fortaleza, 30 de Junho de 2016.

José Maria de Carvalho.



fato-e-razao-95.indd 29 21/09/2016 22:01:29

O dia que senti vergonha de ser jornalista

Daniela Arbex*

Orgulho é uma palavra complexa. Na prática, é um sentimento com definições não muito nobres por significar um conceito muito elevado sobre si mesmo.

Mas quando falo sobre o papel do jornalismo na minha vida, sempre repito que tenho muito orgulho de ser repórter. Muito mesmo.

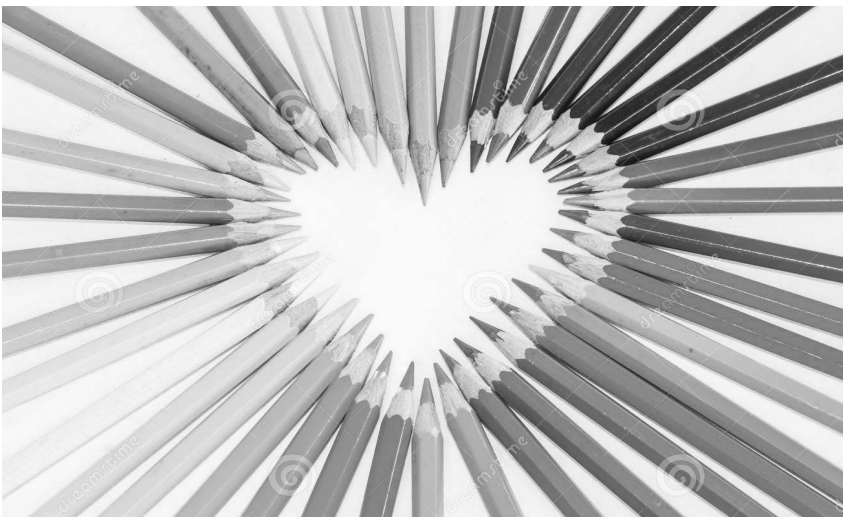
Talvez seja uma pobreza de linguagem, mas o fato é que me sinto honrada e agradecida por ser uma contadora de histórias da vida real.

Há algumas semanas, porém, meu castelo de vaidades sobre ser jornalista ruiu.

Foi numa manhã chuvosa de sábado, quando fui à Escola Municipal Dr. Adhemar Rezende de Andrade, no Bairro São Pedro, para dar uma palestra.

Ao mirar o portão da escola, recriminei, mentalmente, aquela muralha de ferro trancada. Julguei ser mais uma ilha em meio a uma comunidade mergulhada em problemas sociais. Sem perceber, ativei meu preconceito mais rápido do que o botão do interfone que ficava ao lado da entrada.

Para minha surpresa, quando a porta se abriu, o dia cinzento ficou lá fora. Dentro do colégio, havia uma inesperada cor nas paredes, nos murais e por que não dizer no



fato-e-razao-95.indd 30 21/09/2016 22:01:29

coração das crianças? Havia também um pátio lotado de meninos sonhadores, café da manhã coletivo, música de boa qualidade.

Eu, do alto do meu orgulho, fui me sentindo pequena por ter sido enganada por minha estreita forma de olhar.

Iniciei a palestra diante de cem crianças e adolescentes com os olhos grudados em mim. No final, fui bombardeada por perguntas sobre meus livros, mas também sobre a redução da maioridade penal, sobre a greve dos professores, sobre a situação dos refugiados.

Fíquei muito impressionada com o interesse deles pela cidade e pelo outro.

Na saída, um grupo de estudantes me levou na porta e, no caminho, eu não pude deixar de ler uma frase de Paulo Freire reproduzida na parede: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo."

Naquele dia, eu senti vergonha de ser jornalista. Muita.

Vergonha pelo fato de que nós só cobrimos o que se passa no dia a dia das escolas públicas quando a polícia é chamada ou quando é divulgado o ranking das escolas com melhor pontuação nas avaliações estaduais e nacionais.

Vergonha por só discutirmos violência sob a ótica da violência. Por não reconhecermos o esforço de muitos professores na busca de soluções para realidades de exclusão.

Na segunda-feira, cheguei na redação querendo fazer diferente. Propus construirmos uma reportagem que contemplasse iniciativas e boas práticas em meio a um conteúdo pedagógico tradicional. Sugeri publicarmos nesta edição uma matéria não sobre os melhores alunos, mas sobre bons seres humanos. No dia em que senti vergonha de ser jornalista, eu me lembrei que, para escrever a história do mundo, é fundamental ter esperança de mudá-lo.

Daniela Arbex é Escritora e jornalista

Transcrito da Tribuna de MInas

As cisternas contêm, as fontes transbordam.

William Blake

fato-e-razao-95.indd 31 21/09/2016 22:01:29

No olhar de madre Teresa de Calcutá juntam-se ternura, piedade, compassividade, amor, acolhimento e encorajamento

O olhar humano

*Jorge La Rosa**

As emoções e os sentimentos, de uma maneira ou de outra, se expressam através do corpo, informando que o ser humano é constituído por uma unidade substancial entre matéria e espírito. Podemos esconder ou mascarar momentanea mente as emoções – embora isto tenha o seu preço – mas não podemos fazê-lo de modo permanente senão à custa da desconstituição de nosso ser.

Dentre os órgãos do corpo, os olhos são particularmente sensíveis às emoções e sentimentos, refletindo o que se passa em nosso interior.

Distinguimos, assim, uma tipologia de olhares. O filósofo Sartre analisou o olhar do outro que pode me transformar em objeto, retirando de mim a consciência e a subjetividade, reduzindo-me a uma "coisa". Esse olhar existe, é o olhar que rotula o outro, que o reduz aos erros praticados e esquece todos os seus acertos em outras áreas e circunstâncias; é o olhar que fixa o outro a partir de um estereótipo. Exemplo clássico é o do fariseu Simão narrado por Lucas (7, 36-50) a respeito da mulher que se jogara aos pés de Jesus: "É uma vagabunda, uma prostituta". Seu olhar certamente foi de desprezo e superioridade.

Mas há outros olhares que ajudam a constituir e a construir os outros.

Há o olhar de acolhimento, receptivo ao outro, sem condições, sem julgamentos, aberto para a riqueza insuspeita que o outro abriga e que pode revelar-se a cada instante.

fato-e-razao-95.indd 32 21/09/2016 22:01:30

Há o olhar de encorajamento: "Tu podes, és capaz, tens um potencial que nem imaginas e que abrigas na profundidade de teu ser; vai em frente, confiante, alcançarás a meta!"

Há o olhar misericordioso diante daquele que cometeu um erro, mas que está arrependido e quer redirecionar sua vida, não estamos para condenar mas para amparar e proporcionar novas oportunidades. Esse foi o olhar de Jesus a Pedro depois de sua tríplice negação (Lucas 22, 60-62).

Há o olhar de ternura que podemos ter diante de um bebê que sorri ou de uma mãe que acaricia seu filho, diante da pessoa que amamos e compartilha nossa vida, diante de Jesus no presépio...

Há o olhar compassivo diante de pessoas que sofrem com a guerra, diante dos milhares que buscam refúgio em outros países, diante de crianças passando fome, diante de alguém que perdeu um ente querido, diante da pessoa que chora porque não alcançou a meta desejada...

Há o olhar amoroso que sintetiza todos os olhares: é a abertura do ser ao outro, é o respeito ao espaço que lhe pertence, é o reconhecimento de que se trata de um ser único e irrepetível, portador de uma dignidade que lhe foi dada por Deus, por ser semelhante a Ele, e que, por graça, é seu filho, e por isso, muito amado pelo Criador. Como ousaria eu não respeitar e amar essa pessoa que Deus tanto ama e respeita? Quem seria eu para não me apropriar de seus sentimentos?

O olhar de Deus seja o horizonte, inspiração permanente. Vale a pena revisitar e meditar Lucas 7, 36-50. Aprender, com Jesus, a ver a bondade e a dignidade que existem nas pessoas, mesmo naquelas que, à primeira vista, pareceriam desprezíveis.

Jorge La Rosa é Professor universitário e Doutor em Psicologia

fato-e-razao-95.indd 33 21/09/2016 22:01:30

Onde está a honestidade

Mouzar Benedito*

Na Dinamarca não existe verão, segundo muita gente acredita. É frio o tempo todo. Mas uma atriz dinamarquesa (não me lembro qual) disse: "Existe sim. No ano passado até caiu num domingo" Sobre políticos, não só no Brasil, a pergunta é: existem honestos? Existem sim, e acho que não tão raros como os verões na Dinamarca. No Congresso existem 513 deputados e 81 senadores. Quando o Lula era oposição, e não usava os "bons serviços" desses parlamentares, disse que na Câmara havia uns 300 picaretas. Acho muito otimismo. Mas também não sou tão pessimista a ponto de achar seja um honesto em cada 365.

Nunca vi tanta gente cobrando honestidade. Para falar dessa gente, terei que usar expressões de "antigamente", já que quando se fala em caráter, retidão, honradez, honestidade e essas coisas todas, "antigamente" era sempre melhor. Talvez possam responder à pergunta contida no samba de Noel Rosa: "E o povo já pergunta com maldade I onde está a honestidade?'

E certamente são indivíduos que não se encaixam naquele samba de Bezerra da Silva: "Você me chamou pra esse pagode/E me avisou: aqui não tem pobre/ Até me pediu para pisar de mansinho/ Porque sou de cor, eu sou escurinho/ Aqui realmente está toda a nata/ Doutores,

fato-e-razao-95.indd 34 21/09/2016 22:01:30

senhores, até magnata/ Com a bebedeira e a discussão/ Tirei a minha conclusao/Se gritar pega ladrão/Não fica um, meu irmão!"

E com o tema honestidade na ordem do dia, selecionei alguns pensamentos.

Rui Barbosa: "De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra; de tanto ver crescer a injustiça; de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha deser honesto".

Barão de Itararé: "Deve haver honestidade entre os ladrões".

Anton Tchekov: "Eles são honestos: não mentem sem necessidade".

Bocage: "A quem torpe nasceu, nenhum defeito adorna".

Capistrano de Abreu: "O termômetro da dignidade poucos graus vai acima do zero; mas abaixo a graduação não tem fim".

Virgílio Ferreira: "A honestidade é própria das classes médias. As de baixo não a ignoram, mas não sabem para que serve. As de cima não as ignoram, mas não sabem para que ainda serve".

Eu: 'Em nome da boa/ Governança/ A ética dança"

Francisco Quevedo: "A honestidade é uma cor delicada, que teme o ar".

Warren Buffett: "A honestidade é presente caro. Não espere isso de pessoas baratas".

Nelson Rodrigues: "Não acredito na honestidade sem acidez, sem dieta e sem úlcera".

Jim Stovall: "Honestidade é fazer o certo mesmo quando ninguém está olhando".

Cario Dossi: "O que é a honestidade senão o medo da prisão?".

Jean Paulhan: "Não é por ter sido honesto alguma vez que se pode passar o resto da vida a descansar".

Frank Sinatra: "Tudo o que disseram sobre mim não é importante. Quando eu canto, acredito. Sou honesto".

George Carlin: "A honestidade pode ser a melhor política, mas é importante lembrar que aparentemente, por eliminação, a desonestidade é a segunda melhor política".

Jean de La Bruyère: "Até mesmo os homens honestos precisam de patifes à sua volta. Existem coisas que não se pode pedir a pessoas honestas para fazer".

Émile Zola: "Que patifes, as pessoas honestas".

Groucho Marx: "Há uma forma de descobrir se um homem é honesto: pergunte a ele. Se responder que sim, é porque é um patife".

Mouzar Benedito é Jornalista e escritor

fato-e-razao-95.indd 35 21/09/2016 22:01:30

Os Estados entregam o jogo

LUIZ GONZAGA BELLUZZO

As loas ao TPP escondem o avanço do poder das grandes empresas nos sistemas jurídico-políticos

A IMPRENSA BRASILEIRA saudou a aprovação preliminar do Tratado Trans-Pacífico (TPP, em inglês) ao som das trombetas que corneteavam as maravilhas de mais uma rodada de abertura comercial.

Celebrado entre 12 países capitaneados pelos Estados Unidos, o TPP inclui o Japão e outros asiáticos de menor porte, além de sul-americanos. São aceitas novas adesões. O acordo promete ganhos de comércio para todos os envolvidos.

O esboço de acordo recém-firmado entre os governos e os lobistas privados vai passar pelo crivo dos Parlamentos para a aprovação definitiva. Os economistas Ian Fletcher, Joseph Stiglitz e Simon Johnson disparam torpedos contra a assinatura do TPP. Na visão de Fletcher,o TPP é mais um acordo que promete o paraíso e vai entregar o inferno para os trabalhadores dos países envolvidos.

Fletcher atacou o Nafta desde os primórdios. Os resultados mostraram que ele tinha razão, ao argumentar que o tratado comercial do Atlântico Norte só beneficiou as empresas transnacionais, além dos intrometidos chineses que enfiaram suas exportações nas plataformas produtivas das maquiladoras. Na farra do Nafta, diz Fletcher, os lesados foram os trabalhadores americanos.

Negociadas sob sigilo, as cláusulas mais sensíveis deram origem a versões não oficiais um tanto assustadoras. Cochichadas nos bastidores do poder, elas apontam para um avanço significativo no poder das grandes empresas diante dos sistemas jurídico-políticos dos Estados Nacionais.

Entre outras violações da soberania, o tratado estabelece uma dualidade nos sistemas legais ao atribuir às empresas novos direitos para escapar das leis e tribunais americanos, japoneses, peruanos, seja lá o que for, e processar os governos por eventuais prejuízos que possam sofrer em suas atividades. Nada de

fato-e-razao-95.indd 36 21/09/2016 22:01:30

intromissões e intervenções consideradas indevidas ou abusivas. Caso isso ocorra, os governos estão sujeitos a multas pecuniárias e outras punições civis. Quem está preocupado com restrições à sua liberdade impostas pela soberania do Estado, pode se preparar para as violações de seus direitos praticadas pelos senhores dos mercados. Não chame a polícia, trate de correr do ladrão.

Isso significa que a precarização e a terceirização das relações trabalhistas vantajosas, sim, para as empresas, não podem ser obstadas ou regulamentadas pelos governos nacionais. As cláusulas de Propriedade Intelectual beneficiam ainda mais as grandes empresas farmacêuticas em detrimento dos cidadãos. São práticas predatórias. Elas suprimem a concorrência em vez de defender a liberdade de comércio.

A coisa vai piorar. Ao longo das últimas décadas, o acirramento da concorrência - esta é a alma da globalização - impôs às empresas de diversas origens a formação de joint ventures e a busca de cooperação e de alianças estratégicas. Esse movimento foi determinado fundamentalmente pelos custos de inovação e por exigências de escala relacionadas com a nova onda de progresso técnico - telecomunicações, informática, microeletrônicas automação industrial, química fina - de rápida difusão desde os anos 80.

As alianças estratégicas e a distribuição espacial da produção, promovidas pela nova onda de internacionalização produtiva, ensejaram, entre outras coisas, uma formidável centralização do capital e a dispersão dos investimentos e do comércio entre os países avançados e emergentes. Na primeira etapa da atual globalização produtiva e financeira saíram-se bem os que souberam atrelar, de forma ativa e inteligente, os projetos nacionais de desenvolvimento à nova configuração da economia mundial proposta pelas multinacionais.

Agora o jogo é outro. A grande empresa apropria-se das funções legislativas e jurisdicionais do Estado. O mundo contemporâneo assiste à reconfiguração nas relações de poder entre o Estado e as empresas. Eli Heckscher, no clássico Mercantilism, resume magistralmente a conformação dessas relações no mercantilismo à inglesa. Heckscher afirma que a ingerência direta do Estado nas companhias era quase imperceptível. "Muito mais importante era outra tendência: a de transferir às companhias as prerrogativas de poder próprias do Estado."

O Estado está delegando seus poderes para as empresas "monopolizadas" sob o comando de um grupo restrito de acionistas de grande porte. Elas até agora dependeram do apoio e da influência política de seus Estados Nacionais para penetrar em terceiros mercados (acordos de garantia de investimentos, patentes etc.). Isso já era. São os Estados que dependem da anuência dos senhores da grana para manter suas economias funcionando.

Transcrito da Carta Capital

fato-e-razao-95.indd 37 21/09/2016 22:01:30

PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA

EVANGELHO DE MATEUS 20,1-16 (CONCLUSÃO)

2. ANÁLISE DO TEXTO

A Perícope objeto da análise que se encontra em Mateus 20,1-16, é denominada: "Parábola dos trabalhadores da vinha[1]" , ou ainda: "Parábola do bom patrão[2]". Esta parábola é encontrada apenas no Evangelho de Mateus, porém há referências que remetem a um mesmo sentido em Marcos 10,31 e em Lucas 13,30:

"Muitos que agora são os primeiros serão os últimos, e muitos que agora são os últimos serão os primeiros" (Mc 10,31)

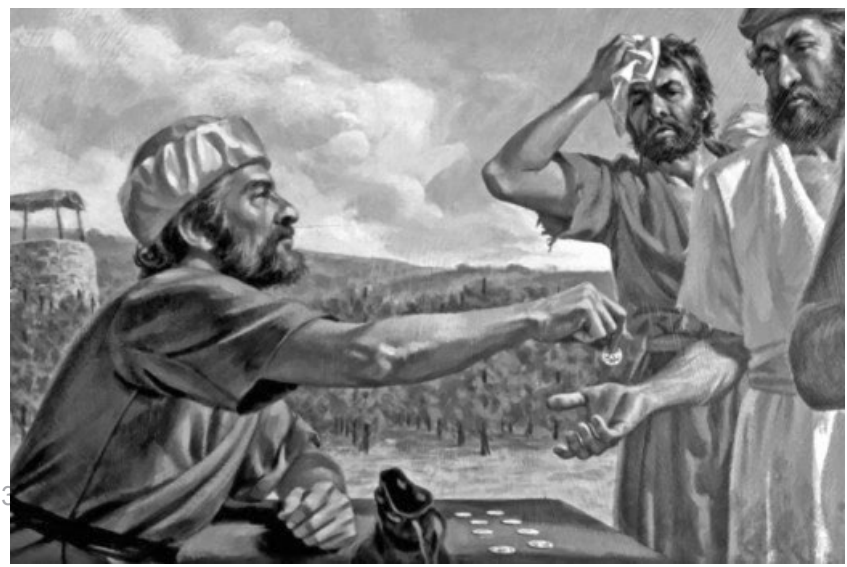
"Vejam: há últimos que serão primeiros, e primeiros que serão últimos" (Lc 13,30).

2.1 Os personagens da parábola

Quase sempre somos levados a crer que o Patrão da parábola é Deus[3], há ainda outras linhas de pensamento que nos levam a crer que os operários contratados são o povo, as horas do dia em que o Patrão sai às praças seria o momento de conversão, sendo que os primeiros estariam representando o povo escolhido e os últimos os pecadores convertidos.

Podemos ainda fazer uma alusão à idade em que uma pessoa se converte e passa a servir ao Reino de Deus, umas mais cedo outras tardiamente. O pagamento seria então a misericórdia de Deus, e porque

1 - BÍBLIA, Edição Pastoral.
2 - JEREMIAS, J. As parábolas de Jesus. p. 138.
3 - GALLAZZI, S. O Evangelho de Mateus. p. 401.



fato-e-razao-95.indd 38 21/09/2016 22:01:30

Deus é bom, dá a todos a mesma paga. Essa paga pode ser também entendida como o Reino dos Céus, que é livremente dado por Deus a todos, independente da duração do seu serviço, bastando para tanto, que tenha havido o atendimento ao seu chamado e à sua palavra.

É a bondade do Patrão que incomoda os servos, não necessariamente o fato de os últimos receberem primeiro, mas por receberem o mesmo valor tendo trabalhado menos, e aqui pode se ler: Se dedicado menos, se convertido mais tardiamente, contribuído menos para o Reino. Essa bondade é para mostrar que no Reino de Deus não há marginalizados[4] e que ninguém é mais do que o outro, não há lugar para inveja, ciúmes ou prepotência, aqueles que se julgam melhores e com mais méritos que os outros, precisam aprender que o Reino é dom gratuito de Deus e será dado como melhor lhe convier.

2.2 O texto dentro do evangelho de Mateus: a quem se dirigia, qual seu significado

A parábola contada por Jesus aos seus discípulos está contida na parte do Evangelho que narra a vida pública de Jesus. Nesse momento da narrativa, Jesus está acolhendo a todos: excomungados, rejeitados e oferecendo-lhes a salvação, provocando entre os fariseus muitas críticas. Assim está também a comunidade para quem Mateus direciona seus escritos, muito dividida e, embora formada em sua maioria por cristãos judeus, nem todos demonstravam que aceitariam Jesus como o Messias, nesse contexto Mateus tenta fazer com que a comunidade se visse como herdeiros da promessa e, ao mesmo tempo, nutria o desejo de que essa comunidade também incluísse os pagãos.

2.3 Aspecto Espiritual

O Evangelho de Mateus tem como centro o Reino dos Céus[5], Reino este que todos são merecedores, pois para Deus, como já vimos, não há marginalizados, a parábola traz exatamente isso, é muito presente a bondade e a graça de Deus, não uma bondade atemporal, mas a demonstração de uma misericórdia, própria dos últimos tempos[6]. Nesta narrativa se faz presente a salvação para todos os excluídos, representados pelos trabalhadores.

Assim Deus age como aquele patrão que teve dó dos que não tinham trabalho, bem como de suas famílias. Assim ele age agora. Faz pecadores e publicanos participarem da sua salvação, sem nada merecerem. E assim ele haverá de agir no último dia para com eles. Assim é Deus, tão bondoso[7] .

4 Cf. nota de rodapé, Bíblia Edição Pastoral, p. 1207.

5 - O tema do Reino "dos céus" (ou "de Deus" – 5 vezes) aparece 54 vezes no Evangelho. Mateus prefere usar "reino dos céus", para evitar a expressão "reino de Deus", pois os judeus, por respeito, evitavam a pronúncia de Deus e também do Nome Sagrado: YHWH.

6 - BARBÁGLIO, G. Os Evangelhos (I), p. 306.

7 - JEREMIAS, J. As Parábolas de Jesus. p. 142.

fato-e-razao-95.indd 39 21/09/2016 22:01:30

Ao reafirmar que a salvação é gratuita e alcançada pela fé, o autor do primeiro Evangelho, abre para a igreja o desafio de anunciar a graça do Pai revelada em Jesus para todos, inclusive aos pagãos, suprimindo os privilégios do mundo judaico fundado na lei mosaica[8].

2.4 Aspecto Social

Na época, muitos não possuíam terras e o trabalho era escasso, portanto dependiam dos proprietários de terras para dar o sustento a suas famílias, para tanto ficavam nas praças esperando para serem contratados. O patrão sabendo que todos precisavam sustentar suas famílias ao final do dia, resolve dar o mesmo pagamento a todos independente do tempo trabalhado, afinal o dinheiro era seu e poderia gastar como bem entendesse.

A busca por trabalhadores ao longo do dia não foi somente pela necessidade de terminar logo sua vindima, mas também um ato de bondade.

Sua conduta é estranha. Não parece ter pressa com a vindima. O que ele quer é que aquela gente não fique sem trabalho. Por isso sai, inclusive na última hora para dar trabalho aos que ninguém contratou. E, por isso, no final da jornada, dá a todos o ordenado que precisam para jantar esta noite, inclusive aos que não mereciam[9].

Se o patrão fosse somente fiel à lei, teria pago proporcionalmente ao tempo trabalhado, porém resolve ser justo, dando a todos o que foi combinado e o que precisariam para o seu sustento, desta forma se fez justo aos últimos sem ser injusto aos primeiros, já que cumpriu o prometido.

Portanto, a parábola da vinha nos propõe uma visão da dimensão econômica no contexto sociológico que emerge da narração[10], quando poucos possuíam terras e muitos eram os desempregados que ficavam esperando para serem contratados e, quase sempre, apenas pela diária, sem saber como seria no dia seguinte.

3. Hermenêutica

A perícope analisada pode trazer também nos dias de hoje, muitos resmungos e insatisfações, pois mesmo no meio do povo de Deus, a Igreja de Cristo, não são raras as pessoas que se julgam mais santas que outras, por participar das atividades religiosas e se escandalizam quando veem que alguém não tão "fiel", recebe alguma atenção. Querem com isso moldar um Deus que esteja de acordo com as suas vontades, acreditando serem merecedores de recompensa por viverem a palavra de Deus.

Ao estabelecer com Deus uma relação baseada no merecimento, e na retribuição correspondente, nós construímos um Deus à nossa ima-

8 - BARBÁGLIO, G. Os Evangelhos (I), p. 307.
9 - PAGOLA, J. A. Mateus. O caminho aberto por Jesus. p. 241.
10 - GALLAZZI, S. O Evangelho de Mateus: Uma leitura a partir dos pequeninos. p. 399.

fato-e-razao-95.indd 40 21/09/2016 22:01:30

gem e semelhança, um Deus sob controle, um Deus que não nos incomoda[11].

Aos olhos humanos e, sobretudo, nos dias atuais, em que as aparências valem mais do que o interior, mesmo entre os cristãos, essa parábola pode causar os mesmos resmungos relatados pelos servos da vinha, isto porque, não entendemos a bondade e a justiça praticada por Deus e exemplificada na parábola.

Se entendêssemos esse amor, demonstrado pelo senhor da vinha e o tivéssemos em nós, em nada nos escandalizaria ver um irmão nosso que passou a vida de forma errante, enquanto vivíamos "santa e retamente", estar junto conosco no Reino dos Céus. Isto porque, se tivermos esse amor não teremos o olhar para o que o outro fez ou deixou de fazer, mas tão somente a alegria de ver que ele também se salvou, ainda que no último momento, porque o que nos importaria seria o bem do outro e não os seus atos.

Estamos tão preocupados em ser o primeiro, que nos esquecemos de ver o que acontece na última hora, quando todos estãotrabalhando, já não há mais desempregados e todos vão receber[7] o que precisam para viver[12].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar e conhecer sobre a vida e a missão de Jesus, percebemos que Ele sempre teve uma preocupação pelos menos favorecidos como os pobres, os órfãos, as viúvas e os estrangeiros, categorias até então marginalizadas e discriminadas. O evangelho de Mateus apresentado em um momento difícil da comunidade, resgata muito dessa missão de Jesus, pois como vimos neste trabalho, ao mesmo tempo em que mostra que Jesus é o Pai e como as pessoas devem segui-lo, também deixa claro que justiça e bondade são adjetivos que podem e devem estar presentes em todos os seguidores de Jesus.

A parábola analisada no texto deve nos ajudar a refletir sobre a nossa missão de cristãos batizados, que também devem olhar para os menos favorecidos e à margem da sociedade, não com um olhar de piedade e pena, que para muitos já serve de consolo, fazendo crer que ao ser piedoso já cumpriu seu papel de cristão, mas com o olhar de Jesus que se projeta neles e espera de nós, dar pão a quem tem fome, roupa a quem tem frio e consolo aos enfermos.

Por fim, o Evangelho de Mateus e, sobretudo a parábola dos Trabalhadores da Vinha, deve nos fazer ver que Jesus é o verdadeiro templo e que, nós cristãos, somos a sua igreja e não devemos ficar presos entre as paredes de tijolo, rezando a Deus para que faça aquilo que é a nossa obrigação, ou seja, servir ao próximo e fazer com que, também eles, tenham uma experiência de amor e o encontro com Jesus e Sua palavra de vida eterna.

11-GALLAZZI, S. O Evangelho de Mateus. p. 401.
12-GALLAZZI, S. O Evangelho de Mateus. p. 401.

fato-e-razao-95.indd 41 21/09/2016 22:01:30

Princípio reconhece que dilemas morais não são

Reinaldo José Lopes

A declaração do papa Francisco sobre a possibilidade do uso de contraceptivos para evitar a transmissão do vírus da zika, embora importante, na verdade retoma um princípio antigo da doutrina cristã, que os teólogos costumam chamar de gradualismo ou lei da gradualidade.

Esse princípio é um reconhecimento do fato de que dilemas morais, muitas vezes, não são uma questão de tudo ou nada, mas também podem envolver a escolha do menor dos males. É mais ou menos o mesmo raciocínio por trás de outra declaração papal aparentemente bombástica sobre o tema, só que feita pelo suposto ultraconservador Bento 16 em 2010.

Em entrevista a um jornalista alemão, o hoje papa emérito disse que, se um homem passa a se prostituir, mas decide usar preservativos para não transmitir o vírus HIV a suas parceiras, isso pode ser considerado "um primeiro passo num movimento rumo a um jeito diferente e mais humano de viver a sexualidade".

Não se trata de um selo de aprovação papal para as camisinhas, mas de um reconhecimento da complexidade moral da situação.

Ao citar o papa Paulo 6º (1897-1978), que autorizou freiras que viviam numa zona de guerra na África a tomarem anticoncepcionais para não ficarem grávidas de estupradores, Francisco revela pensar do mesmo modo.

Vale notar, além disso, que ainda assim ele considera que a situação da zika representa um conflito entre dois dos Dez Mandamentos, o quinto (não matar) e o sexto (não pecar contra a castidade).

Seria, portanto, uma questão de escolher o mal menor, e não propriamente o bem – vidas humanas valem mais do que seguir o "plano de Deus" para a sexualidade humana. Os críticos tradicionalistas de Francisco provavelmente vão usar essa última declaração para ressaltar o que veem como

fato-e-razao-95.indd 42 21/09/2016 22:01:30

falta de rigor filosófico do papa. Afinal, haveria tanta diferença assim entre uma mulher que corre o risco de transmitir zika ao seu feto e outra que vive em pobreza abjeta? Ele não estaria abrindo uma janela potencialmente enorme para a rejeição da doutrina tradicional?

A isso, Francisco talvez respondesse com uma das frases que sempre repete: "A realidade é superior à ideia".

**Transcrito da Folha de São Paulo*

Para reflexão preferencialmente em grupo: Analisar aspectos, éticos, morais, sociais, políticos, teológicos e jurídicos sobre o uso de contraceptivos no combate ao zika.

Havia, no alto de uma montanha, três árvores que tiveram um sonho: a primeira, olhando as estrelas, disse que queria ser o baú mais precioso e viver cheio de tesouros. A segunda, olhando um riacho, suspirou: quero ser um grande navio, para transportar reis e rainhas. A terceira olhou o vale e disse: quero crescer e ficar aqui, no alto da montanha. Assim, quando as pessoas olharem terão que levantar os olhos e pensar em Deus.

Os anos passaram e certo dia, três lenhadores chegaram e cortaram as árvores. Aqueles lenhadores não sabiam nada de sonhos! A primeira acabou se transformando num cocho de animais, coberto de feno. A segunda virou um simples barco de pesca. A terceira foi cortada em grossas vigas e deixada de lado. Desiludidas, as três se perguntaram: - Porque teve que ser assim?

Mas, numa bela noite de lua cheia, uma jovem deu a luz a um bebê e o colocou naquele cocho. E a primeira árvore percebeu que tinha ali o tesouro mais precioso do mundo.

A segunda estava transportando um homem que acabou por dormir no barco. Quando uma tempestade quase afundou ele se levantou e disse: - Paz! Imediatamente as águas se acalmaram e a segunda árvore entendeu que estava transportando o Rei dos Céus e da Terra.

Tempos mais tarde, numa sexta feira, a terceira árvore espantou-se quando suas vigas foram unidas em uma forma de cruz e um homem foi pregado nela. Sentiu-se horrível e cruel. Mas, o domingo seguinte, o mundo vibrava porque ali havia sido pregado o homem que veio para salvar a humanidade e as pessoas sempre se lembrariam de Deus ao olhares para ela.

Então as árvores descobriram que a realização foi mil vezes maior que o sonho.

Portanto, lembre-se: não importa o tamanho de seu sonho. É imprescindível sonhar e ter fé.

fato-e-razao-95.indd 43 21/09/2016 22:01:31

“Quando nossa família recebe a vida, como agir?”

O Setor Família da Diocese de Erexim, Erechim - RS partilha com você e com sua família alguns princípios humanos e pedagógicos de vida e de educação para os valores e para as escolhas que podemos fazer.

Estamos diante de uma nova vida. Nosso agir na educação de nosso filho tem de ser refletido com carinho. A firmeza e o afeto têm de ser simultâneos. Um não dispensa o outro. E é na família que se inicia e se aprende a viver os valores humanos e/ou cristãos da formação de uma pessoa. Por isso,educar hoje - para amanhã” quer apresentar uma resposta aos desmandos que nossa sociedade vive hoje.

Educar hoje - para amanhã

1. Definir os limites, em se tratando de educação, não pode e não deve ser uma “reza” de leis e de normas.

2. Os limites e os valores que desejamos para nosso filho é uma questão de vida e de prática dos pais. É uma questão de vivência dos próprios pais.

3. “O fruto não cai longe do pé da árvore”?

4. Para educar, é preciso viver primeiramente o que se quer ensinar. Ninguém indica uma estrada para alguém se não caminhou por ela.

5. Os pais têm de ser APOIO, não LEI para os filhos; os pais têm de ser REFERÊNCIA, não JULGAMENTO para os filhos; os pais têm de ser RESPOSTA, não DENÚNCIA para os possíveis descaminhos dos filhos.

6. Que bom se os filhos aprendessem a amar no colo dos pais; aprendessem a falar em namoro, em vida, em casamento, em outros caminhos com a vida dos pais!

7. Quando um filho não ACEITA

fato-e-razao-95.indd 44 21/09/2016 22:01:31

o que os pais querem ensinar, é hora de revisar a própria maneira de ser e de viver diante do filho.

8. Os pais teriam de ser os que iniciassem os filhos em todas as circunstâncias da vida Aqui está a educação para a afetividade, a educação para a sexualidade.

9. A melhor maneira e a mais saudável para orientar a vida sexual dos adolescentes seria que os pais tivessem liberdade consigo próprios para informar, para ouvir os filhos e que, desde cedo, educassem as crianças para a responsabilidade de suas ações.

10. E muito importante que a família assuma a responsabilidade da informação e da educação dos seus filhos para uma vida sexual saudável e consciente.

11. Os casados precisariam revelar que o amor é eterno. Que bom se homens e mulheres vivessem esse amor carinho, esse amor ternura! Quanto menos desavenças, quanto menos problemas teríamos! Quantas crianças e quantos jovens não estariam por aí sem família, sem rumo, na droga, na prostituição!

12. Amar e também promover o amor é um compromisso de todo ser humano, especialmente, é dever dos pais.

Setor Família Diocese de Erexim

DAS CURAS QUE DEUS REALIZA

Frank Whitney

Porque, desde o princípio, Ele te quis
De físico perfeito e alma feliz
- a cura dos teus males só começa
Onde o receio destes males cessa

Pensa em Deus como Fonte Real de Vida
e terás a resposta merecida.
Do momento presente, esta é a hora de ter
saúde - de cantar vitória.

Tampouco lembra a idade,
A raça ou o clima...
O que precisa é olhar para Cima
e acreditar que Deus sempre perdoa
ao pecador contrito - de alma boa.

Extraído do boletim Hifen de Nova Iguaçú - Rio de Janeiro

fato-e-razao-95.indd 45 21/09/2016 22:01:31

SAUDADES DE HÉLIO AMORIM

Recebemos e agradecemos FATO & RAZÃO número especial sobre nosso Hélio Amorim.

Desde 1971, no Encontro Nacional de Porto Alegre, o conhecemos, admiramos e passamos a amá-lo.

Nas diversas oportunidades de Encontros, no Rio, BH e Divinópolis gozamos de suas amizade e sabedoria.

Será uma laguna de difícil preenchimento a presença tão simpática e agradável de Hélio.

Estamos todos enlutados.

Abraços a vocês de Juiz de Fora, de Minas e do Brasil, de Zezito e Inez, aqui de Divinópolis.

Estava tão acostumada a encontrar-me com Hélio Amorim nos editoriais de Fato & Razão. E agora.

Agora continuarei a encontrar-me com ele no amor do Xto.

A saudades de Selma acrescento as de Hélio.

E parabéns, sempre! Pela nossa revista sempre excelente.

Com um abraço fruto da misericórdia do Pai.

Normandia - Alagoinhas (BA)

fato-e-razao-95.indd 46 21/09/2016 22:01:31

1998. Recebi uma correspondência assinada por Hélio Amorim, que eu não conhecia. Era um convite para participar do Movimento Familiar Cristão e de reunião que haveria de me dar conhecimentos sobre o mesmo. Ignorei o convite por fortes razões pessoais. Cerca de três anos depois,recebi igual carta, que mexeu com minha curiosidade. Num sábado à tarde, lá estava eu e minha mulher Cacilda. Cumprimentamos a todos e ficamos a ouvir o que ali se conversava, depois de responder a algumas perguntas relativas a nós. Algo nos fisgou e, na reunião seguinte, lá estávamos de novo. À medida que as reuniões se sucediam, passamos a conhecer aquele casal que nutria altos ideais de vida, o que não é tão difícil. Difícil mesmo era o que eles dois faziam.

Iam atrás em busca de realização desses ideais: ideal de religiosidade e busca do sentido de tudo o que nos cerca; cuidado e dedicação ao outro, sobretudo das pessoas carentes e ignoradas; busca de pessoas interessadas em se dedicar a estes mesmos ideais, cercando-se de uma plêiade de amigos que a eles aderiram. Assim foi que criaram o Instituto da Família – INFA, que buscava ebusca aliviar o sofrimento de tantas criaturas. Selma e um grupo de mulheres buscavam meios de instruir e dar melhores condições de vida a muita gente carente.

Hélio, mais intelectual, escreve e rapidamente chega a mais de quatro mil leitores de seu correio eletrônico. Funda uma nova revista, intitulada "FATO E RAZÃO". Não contente, escreve um livro de não muitas páginas, mas de muito amor à verdade em matéria de religião cristã. Deu-lhe significativo título: "DESCOMPLICANDO A FÉ"", em que ilumina os leitores quanto a muitos e nevrálgicos pontos de nossa fé. Creio que seu desejo de escrever se inspirava na frase de Millôr Fernandes: "Se você não tem dúvidas é porque está mal informado". O livro tem prefácio redigido por Fr. Clodovis M. Boff, ODM, que assim termina: " Com este belo e sintético livro, Hélio Amorim nos brinda a visão de um cristianismo arejado, maduro e vibrante. Ser cristão assim, vale realmente a pena". E vale mesmo!

A autoridade eclesiástica do Rio se pronunciou, desaprovando o livro. Hélio não se abalou, pois suas reflexões críticas saíram de sua pena por amor à Igreja. Como sempre, Hélio não se esquece de Selma, dizendo-se autor do livro, mas " com a valiosa colaboração se SELMA AMORIM ".Hélio e Selma eram assim, um casal verdadeiro e amoroso, esteio da família, um exemplo de casal cristão. Por isso, se tornaram inesquecíveis!

Cacilda e Laércio Bruni – Rio de Janeiro

fato-e-razao-95.indd 47 21/09/2016 22:01:31

Solidariedade para ser feliz

Luciana Marzullo Araújo*

Na linguagem coloquial, solidariedade e generosidade significam, ambas, o ato de apoiar e ajudar o próximo. Porém, vem da filosofia a distinção que dá a cada expressão uma significação própria, que, além de fazer sentido, é útil para a compreensão das ações humanas. De saída vale enfatizar de que tanto a solidariedade quanto a generosidade dizem respeito às atitudes que adotamos levando em conta os interesses dos outros. A diferença começa quando, no caso da generosidade, levamos em conta os interesses do próximo, mesmo que não concordemos com ele nem compartilhemos dos seus interesses.

Em casos extremos, a solidariedade atua como mecanismo de preservação da espécie e canaliza nosso afeto às pessoas. Podemos chamar de empatia, de caridade, amor ao próximo. Na verdade, é um pouco de tudo. O que é fato, e quem é solidário sabe, é a imensa sensação de prazer e bem-estar que dedicar um tempo em benefício do outro proporciona. Essa solidariedade pode vir de várias formas. Seja no impulso provocado por uma tragédia, seja em forma de trabalho voluntário ou até mesmo no dia-a-dia no trato com as pessoas. E isso desperta as mais nobres aspirações da humanidade: a procura da paz, da liberdade de oportunidades, da segurança e justiça para os povos.

Quem recebe um ato solidário conquista benefícios, é claro. Mas quem oferta momentos de afago, carinho edoação aos outros ganha ainda mais. Pesquisas indicam que trabalhos voluntários altruístas estimulam a alegria, aliviam as tristezas

fato-e-razao-95.indd 48 21/09/2016 22:01:31

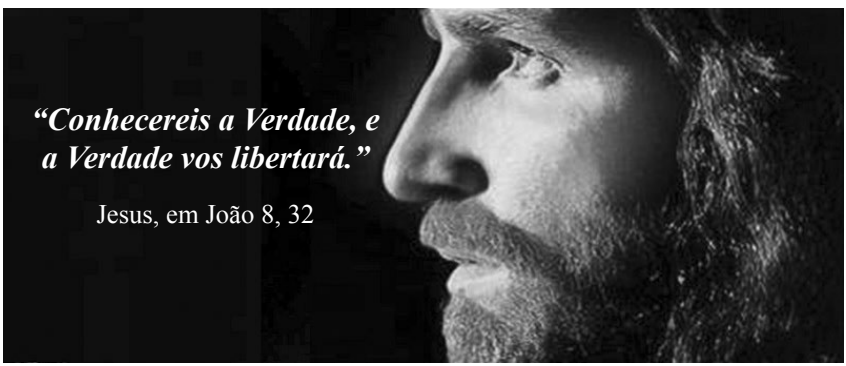
e aumentam a imunidade, evitando doenças. Pessoas que se sentem solidárias expressam mais satisfação pela vida e desenvolvem maior capacidade em lidar com as dificuldades. Em geral, tornam-se mais felizes e encontram sentido para as ações e atitudes.

A ajuda desinteressada também reflete na identidade pessoal e social. Aumenta a autoestima e introduz sentido às nossas competências. Recompensa-nos com o prazer de contribuir para a felicidade de nossos semelhantes e nos dá o prazer de participar do funcionamento e da melhoria da sociedade. Percebemos que somos um conjunto de seres pequeninos unidos em prol de algo maior. E que a nossa realidade não é a pior, a mais cruel. Que nossos problemas não são tão desoladores e que somos capazes de sermos mais. De sermos melhores.

Do ponto de vista religioso, acredita-se que a prática do bem salva a alma. Mas, além de elevar o espírito, de um modo geral, salva o corpo também. Assim, é certo que o coração transborda quando fazemos o bem e queremos o bem. Faça a sua parte e transborde seu coração de felicidade.

**Luciana Marzullo Araújo é Coordenadora Missionária do Colégio Stella Matutina.*

Transcrito da Tribuna de Minas



fato-e-razao-95.indd 49 21/09/2016 22:01:31

PLANO de AÇÃO - ENA/AGN 2016

O compositor mineiro Beto Guedes, em sua música "Sol de Primavera", afirma algo desafiador: "A lição sabemos de cor, só nos resta aprender..."

"O que então ainda nos falta?
Onde está o entusiasmo que nos leva para a busca de novos horizontes?
Qual o fator que nos impede avançar?
São questionamentos desafiadores.

"Palavras sem ação se transformam em mero verbalismo. Ação sem fundamento vira ativismo", já nos lembra Paulo Freire.

Tenhamos a coragem de ousar. Ousadia é risco assumido. A renovação de que tanto falamos e cobramos se inicia dentro de nós mesmos. Quando assumimos o chamado desta utopia de Jesus, sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer, como também sabemos que já não estamos mais no mesmo terreno cômodo em que estávamos antes."

Assim convidamos todos a realizar este plano de ação, que traz em si linhas gerais que devem ser desenvolvidas de acordo com as características de cada região, estado, cidade, grupo base, evitando engessamento de ações e choque de culturas, tendo em vista a nossa diversidade social, cultural e geográfica.

É o momento de arregaçarmos as mangas e trabalharmos juntos para desenvolver e fortalecer o nosso MFC nas suas mais diversas esferas de governança.

Equipe de Metodologia Triênio 2011 – 2013
Conselho Nacional Diretor – CONDIN Triênio 2013 – 2016

Propostas de ações sobre o tema

Os perigos de uma espiritualidade desencarnada no Movimento Familiar Cristão

META 1

Desenvolver programas de formação e capacitação continuada para fortalecimento espiritual e conhecimento, na busca de uma espiritualidade duradoura, com apoio da estrutura do MFC Nacional.

DESCRIÇÃO

a) Esclarecer, na formação de novos participantes, que a espiritualidade tem como base a fé e a misericórdia, diferenciando-se de religiosidade;

fato-e-razao-95.indd 50 21/09/2016 22:01:32

b) Promover encontros (presenciais, videoconferências ou por vídeos) com o objetivo de aprofundar o conceito e a ideia-raiz da espiritualidade;

c) Inserir na revista Fato & Razão temas que ampliem o entendimento do sentido real de espiritualidade, que transcende paredes dos templos;

d) Preparar material de formação específico para integração dos jovens no MFC.

META 2

Promover na família a experiência de espiritualidade encarnada

DESCRIÇÃO

a) Associar a fé à defesa da vida;

b) Atentar para as necessidades das pessoas, buscando uma efetiva humanização;

c) Estar aberto à discussão sobre os novos tipos de família, procurando não discriminar as relações não convencionais dentro do MFC, entendendo que também essas são dignas da misericórdia divina;

d) Despertar a consciência de que precisamos viver uma espiritualidade encarnada em casa, no trabalho e na sociedade.

META 3

Estimular ações que promovam a integração do MFC com a comunidade

DESCRIÇÃO

a) Apoiar iniciativas de promoção humana;

b) Realizar ações assistenciais visto serem materialização da espiritualidade;

c) Desenvolver ações concretas voltadas para a comunidade, resgatando valores éticos, morais e cristãos;

d) Participar de ações sociopolíticas que visem à promoção social como meio de evangelizar.

Propostas de ações sobre o tema

O MFC e a ACOLHIDA

META 1

Realizar ações que promovam a integração e o acolhimento de equipes e pessoas, sem discriminação

DESCRIÇÃO

a) Considerar opções como eventos festivos e reencontros de equipes-base, assim como oportunidades de congraçamento na vizinhança;

b) Melhorar a comunicação sobre estrutura do MFC bem como sobre os trabalhos feitos, considerando a utilização de recursos virtuais (sites, redes sociais);

c) Convidar novas pessoas sem discriminação de qualquer natureza para participarem de eventos do MFC;

d) Estimular todas as equipes -base do MFC no país quanto à prática de rodízio de reuniões nas casas dos participantes;

e) Discutir a temática da acolhi-

fato-e-razao-95.indd 51 21/09/2016 22:01:32

da em todos os seus aspectos nas equipes-base;

f) Realizar encontros de viúvas (os), namorados, recém-casados, considerando sua inclusão em equipes-base;

g) Promover visitas entre equipes-base da mesma cidade;

h) Trabalhar aspectos de relacionamento humano como tolerância e respeito às diferenças e limitações.

META 2

Desenvolver a acolhida de jovens no/para o MFC

DESCRIÇÃO

a) Considerar a produção de material com metodologia para atendimento de crianças, adolescentes e jovens;

b) Integrar jovens nos projetos, trabalhos e encontros desenvolvidos;

c) Apoiar os jovens de forma dinâmica por meio de orientação e acompanhamento feito pelos participantes do MFC.

META 3

Elaborar cadastro nacional de equipes-base e melhorar a divulgação das ações desenvolvidas

DESCRIÇÃO

a) Estimular o contato intermunicipal e interestadual entre participantes e equipes do MFC para partilha de experiências, por meio da elaboração de cadastro virtual;

b) Viabilizar o acesso dos participantes do MFC quanto a contribuírem para conteúdos de publicações da Instituição.

Propostas de ações sobre o tema

O MFC SOLIDÁRIO

META 1

Catalogar e divulgar projetos e iniciativas de solidariedade existentes em todo o MFC (exemplo: INFA – Instituto da Família, criação do MFC)

DESCRIÇÃO

a) Considerar a criação de orientações para a implantação do INFA (Instituto da Família);

b) Viabilizar o fornecimento de orientações detalhadas sobre projetos e ações bem-sucedidas do MFC para quem manifestar interesse;

c) Divulgar as ações desenvolvidas pelo MFC em todo o país, utilizando meios virtuais (site do MFC, redes sociais).

d) Criar espaços específicos nos Encontros Nacionais, com o intuito de divulgar experiências exitosas de ações concretas de cada unidade do MFC;

META 2

Criar iniciativas/campanhas de solidariedade, amparo e formação social

DESCRIÇÃO

a) Promover/incentivar campanhas nacionais de solidariedade;

b) Identificar ações para promo

fato-e-razao-95.indd 52 21/09/2016 22:01:32

ção do atendimento de necessidades da comunidade;

c) Realizar eventos visando à arrecadação de recursos para tais iniciativas;

d) Atuar junto ao poder público no sentido de fazer cumprir leis e direitos relacionados aos cidadãos.

META 3

Atuar em parceria com instituições que trabalham em ações de solidariedade:

DESCRIÇÃO

a) Contribuir com entidades públicas e filantrópicas em iniciativas já existentes de promoção humana;

b) Participar em iniciativas de solidariedade/proteção ambiental como educação para o plantio de árvores e descarte apropriado do lixo.

Propostas de ações sobre o tema

O MFC QUE SE RENOVA

META 1

Fortalecer comunicação no MFC

DESCRIÇÃO

a) Buscar profissionais especializados para manter o portal atualizado, contando com recursos financeiros do MFC;

b) Utilizar o portal do MFC para divulgação de material de formação, possibilitando interação com o SENFOR;

c) Criar uma equipe nacional de comunicação virtual, com participação de jovens, com o papel de organizar e disponibilizar, por meio dos recursos virtuais conteúdo diverso, inclusive de formação e informações sobre os trabalhos realizados nos diversos encontros;

d) Divulgar os trabalhos e os serviços realizados nas diversas regiões;

e) Promover a bibliografia do MFC.

META 2

Fortalecer a formação no MFC

DESCRIÇÃO

a) Capacitar/Formar líderes que possam dar continuidade ao carisma e identidade do MFC;

b) Fortificar a equipe-base, num processo de formação continuada, base estatutária, pertença, conhecimento e informação.

c) Preparar as bases do MFC para um melhor convívio entre as gerações;

d) Criar um projeto em parceria com entidades públicas ou privadas para valorizar a família;

e) Repassar as sínteses do ENA como uma tarefa obrigatória, em todas as cidades no retorno de seus membros;

f) Considerar a realização de fóruns/eventos nacionais/regionais sobre família, bem como a participação do MFC na Semana Nacional da Família;

fato-e-razao-95.indd 53 21/09/2016 22:01:32

g) Considerar a preparação de material sobre a compreensão da diversidade de modelos familiares;

h) Implementar discussões sobre os documentos regimentais e estatutários periodicamente;

i) Implementar discussões que possibilite o desenvolvimento da consciência política no MFC.

META 3

Fortalecer a integração no MFC

DESCRIÇÃO

a) Priorizar, planejar ações de integração entre todos os participantes;

b) Integrar melhor o MFC nacional aperfeiçoando a comunicação entre todos os níveis do movimento;

c) Fortalecer o Seminário de Integração Nacional (SIN) e o Seminário de Integração Regional (SIR) por ser o melhor multiplicador;

d) Aprimorar a maior comunicação entre cidade, estado e nacional;

e) Discutir com a comunidade e com outras instituições os vários tipos de família, desenvolvendo projetos que possibilitem o resgate social;

f) Possibilitar elo entre as equipes-base e dessas com as coordenações.

Propostas de ações sobre o tema

O MFC JOVEM

Os jovens se reuniram três (3) dias durante a realização do ENA com o intuito de fazer uma troca de experiências e realidades, vivenciadas em suas cidades e estados. Após momentos de reflexões e trabalhos, trazemos as propostas para que sejam apreciadas em âmbito nacional.

META

Como fazer para ampliar a participação dos jovens em todos os espaços de reunião/evento do MFC ?

Os jovens sentem falta da caminhada ao lado dos grupos base e suas diversas instâncias (Estadual/Regional/Nacional), não querem e não se sentem a vontade de serem tratados como um grupo a parte.

META

Como fazer para que isso não aconteça?

fato-e-razao-95.indd 54 21/09/2016 22:01:32

MENSAGEM DE PADRE MANU AOS MEFECISTAS DO BRASIL

Agradecimentos a Deus ...à Coordenação do evento (ENA) que depositou esta confiança em mim e a todos vocês que estão não só participando do ENA mas que estão fazendo o ENA.

O tema que me propuseram deve ser uma provocação, isto é que, eu devo falar alguma coisa que os provoque, que leve a esta ilustre plateia à ação e não a acomodar-se mais e mais. Por isto é provoca-ação....e não acomoda-ação .

Hoje na nossa sociedade e na igreja, parece que TUDO É MISSÃO. Todo o mundo tem missão... tem até filme de Missão Impossível, 1, 2, 3... De tanto falar em missão o conceito de missão se perde. Saiu do âmbito religioso e entrou no âmbito social. O exercito está em uma missão....Os arquitetos da Companhia...tal....estão em uma missão... Por tanto teremos que saber a que missão nos referimos quando falamos de missão.

Teremos que saber também em que Igreja está inserida o MFC do Brasil, e se é em esta Igreja que cada um de nós estamos. Seria gozado que descobríssemos que a Igreja de Francisco nao é a minha Igreja. É a Igreja entendida como povo de Deus que da a missão ao MFC a partir das necessidades da mesma Igreja. O MFC está para servir a esta Igreja, entendida como Povo de Deus, e não para fazer o que o MFC bem quer.

O papa Francisco na visita ao Rio em 2013, deu um claro recado aos bispos do Brasil e do mundo , e propôs a toda a Igreja uma missão que podemos sintetizar em quatro pontos centrais.

1 – A missão para o Papa Francisco se dá saindo às periferias existenciais do mundo. O Papa em Varginha vai dizer que "sempre se pode colocar mais agua no feijão !!!! em clara referencia a opção fundamental da Igreja de Francisco pelos mais pobres. Agua no feijão que tal vez queira dizer que o MFC no Brasil e no mundo , pode fazer alguma coisa a mais.

2 – Também, falando totalmente de improviso, para os jovens Argentinos nessa viagem incentiva-os a fazerem "barulho" e ajudar a Igreja a sair de si, desejando que a Igreja saia pelas estradas, se defendendo de tudo o que é mundanismo, imobilismo, comodidade, clericalismo, enfim "de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos". Eu pergunto....onde ficou o barulho do MFC ?

Meus queridos MFCistas..., esta é uma nova Igreja inaugurada por Francisco....Não é mais a Igreja de João Paulo II ou Bento XVI. Mesmo que alguns ainda não tenham percebido.

- Já para os Bispos do Brasil e do CELAM, ele desenvolve um verdadeiro programa pastoral tendo como "chave de leitura" não o magistério

fato-e-razao-95.indd 55 21/09/2016 22:01:32

dos Papas anteriores e dos Padres da Igreja, mas o magistério dos bispos da América Latina e Caribe explicitado no documento de Aparecida. Para os bispos da CNBB lança quatro desafios:

1) prioridade da formação para todos sujeitos eclesiais (bispos, padres, religiosos e leigos),

2) colegialidade e solidariedade episcopal,

3) estado permanente de missão e conversão pastoral, e,

4) finalmente, a Amazônia.

Mas para enfrentar estes desafios, como disse aos bispos do Comitê de Coordenação do CELAM, é necessário a "Conversão Pastoral" e, neste ponto, o papa Francisco avalia que "ainda estamos um pouco atrasados".

Vocês não acham que também nós MFCistas estamos um pouco atrasados nos nossos planos Pastorais? Isto é uma provocação, me desculpem...

Devemos convencer-nos de que com o Papa Francisco existe uma ruptura com o modo "monárquico -imperial" de papado para um mais "pastoral-colegial". O papa Francisco está de fato reintroduzindo este giro: do "bastão", da "volta à grande disciplina" diz o teólogo João Batista Libânio, de João Paulo II e Bento XVI, para a "misericórdia". Neste sentido, "misericórdia", "serviço", "diálogo", "proximidade", "encontro", "simplicidade" e "transparência" são as palavras de ordem deste pontificado.

Mas o próprio Papa Francisco diz aos bispos que a nível pastoral o programa está muito atrasado.

Se tem estudado a nível da CNBB a conversão de passar da centralidade da Paroquia para a paróquia comunidade de Comunidades, do qual fala o documento de Aparecida , mas...a compreensão de "conversão pastoral" em Francisco vai, antes de mais nada, muito além das mudanças meramente "estruturais" na Igreja. Ela se refere principalmente a "mudanças de atitudes".

O Papa neste encontro do CELAM reconhece que se tem dado espaço aos leigos dentro da Igreja , mas temos deixado os leigos infantis e clericalizados. Será que não é um pouco o que acontece no nosso Movimento Familiar Cristão?...

Infantis porque lhes temos dado "leite Espiritual" no lugar de conteúdos sólidos. (temos fomentado os ritualismos nas liturgias, o mistério, o Sagrado do Sacerdócio e a "magia" dos sacramentos, as cerimônias e religiosidade popular, as grandes concentrações de católicos em procissões e eventos, frequentemente não isentas de histeria coletiva) .

O Papa lembra aos Bispos e ultimamente na visita que fez ao México que, os leigos estão muito clericalizados. Assumem posturas de clérigos dentro das comunidades e especialmente dentro dos templos... adorando ser "mini-padres ou mini bispos. Adoram as roupas e o poder clerical. Acho meus irmãos que no MFC também corremos este perigo de clericalização. Francisco nos faz um apelo...."Não podemos refletir sobre o tema do laicato ignorando uma das maiores deformações que a América Latina deve enfrentar — e para a qual peço que dirijais uma

fato-e-razao-95.indd 56 21/09/2016 22:01:32

atenção particular — o clericalismo. (...) O clericalismo leva a uma homologação do laicato; tratando-o como "mandatário" limita as diversas iniciativas e esforços e, ousaria dizer, as audácias necessárias para poder anunciar a Boa Nova do Evangelho em todos os âmbitos da atividade social e, sobretudo, política. O clericalismo, longe de dar impulso aos diversos contributos e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a inteira Igreja está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo de Deus e não só a poucos eleitos e iluminados".

3 - Se por uma parte o Papa elogia a Fé do povo, por outra nos alerta a que o povo fique no superficial e que copie atitudes clericalistas. Posturas de poder como o da hierarquia ...de posse...de ordem e mando...etc...

Com certeza não era isto o que nosso querido Pe. Richar queria para o MFC.

Por isso, para o Papa Francisco, as mudanças de atitudes (a "conversão pastoral" propriamente dita) devem seguir o seguinte roteiro de "pautas eclesiológicas":

a) uma Igreja que quer ser discípula missionária precisa se "descentrar", sair de si e ir para as "periferias existenciais";

b) para isso é necessário que a Igreja assuma a mesma postura da Virgem Maria: exercitar a maternidade, deixando de ser controladora para ser servidora e facilitadora da fé;

c) daí, uma aproximação que toma a forma de diálogo para criar uma "cultura do encontro";

d) neste sentido é necessário que tenhamos bispos-pastores com "cheiro de ovelhas", próximos ao povo, que amem a pobreza, sem a "psicologia de príncipes".

Perguntemo-nos irmãos/as Emefecistas... a que cheira hoje o MFC? E a que queremos que cheire?... Podemos cheirar muito bem....a incenso...e a humo das belas das Igrejas.....mas cheiramos a POVO?

Parece-me que a grande reforma de Francisco é acabar com um modelo de Igreja que ele chama de auto- referencial, centrada em si mesma, e dar vazão a uma Igreja missionária que saia de si. De uma Igreja "encurvada" e "doente" para uma Igreja "acidentada" que corre o risco de ir para o mundo, tocar "a carne de Cristo" nas periferias geográficas e existenciais.

"Eu prefiro uma Igreja que está machucada, ferida e suja porque foi para as ruas, em vez de uma Igreja que não é saudável por ser confinada e por se apegar à própria segurança", afirma o Papa no documento. "Eu não quero uma Igreja preocupada em o ser o centro e, em seguida, acabar numa teia de obsessões e de processos". Diz o Papa na sua exortação Apostólica 'Evangelii Gaudium'.

Eu meus irmãos EMFcistas prefiro um MFC ferido pelas problemáticas da família de hoje as desavenças familiares, a falta de emprego, de dinheiro, de drogas, álcool, etc . porque vive e convive com essas famílias desajustadas, divorciadas

fato-e-razao-95.indd 57 21/09/2016 22:01:32

mas que estão lutando lado a lado com elas, acolhendo –as, amando -as integrando-as, evangelizando-as do que um MFC todo certinho, todo sacramentado segundo o Direito Canónico, mas incapaz de ser o Movimento da Misericórdia, da acolhida, do respeito de todas as pessoas e todas as famílias.

Onde está o MFC hoje? Uma possível resposta podem ser os relatórios dos CONDIN E CONDIR. Pessoalmente acho que estamos trabalhando demais para o interior das paroquias e estamos um pouco longe de nosso primeiro amor e objetivo ...evangelizar as famílias com as famílias. Estamos muito nas sacristias e pouco no campo de batalha.

4 - "A atividade missionária é ainda hoje o maior desafio para a Igreja e a causa missionária deve ser a primeira", diz a Exortação Apostólica. "É vital que hoje a Igreja anuncie o Evangelho a todos, em todos os lugares, o tempo todo, sem demora, e sem medo."

Mas com sinceridade...Onde anunciamos o evangelho a maioria dos MFCistas? Onde nucleamos quando o fazemos? Não devemos ter medo de sermos sinceros. Com certeza que a maior parte é e se sente evangelizador, porém deveremos questionar-nos se realmente estamos atingindo as famílias que mais precisam.

O Papa pede uma Igreja com vocação missionária, não obcecada "à doutrina moral". E que se concentre especialmente em sair ao encontro dos pobres, doentes e menos favorecidos. Ele também mostra seu desejo pela descentralização, que a instituição católica não tenha pretensões de obter o monopólio das soluções de problemas, e que não se espere do Papa "a palavra definitiva sobre todas as questões que afetam a Igreja e o mundo".

Todos nós sabemos que não temos, como Movimento, as soluções para resolver as situações tristes e problemáticas que acometem a nossas famílias. Porém devemos ter objetivos claros a respeito da nossa missão aqui e agora e olhando para o futuro. Temos uma responsabilidade batismal para com a Igreja e o próprio Cristo, por isso que não podemos ser superficiais, e pensar que tudo o que fazemos é evangelizar e todo é do Movimento Familiar Cristão. Temos que ir afinando..., temos que ir afunilando..., discernindo o que é do Movimento e o que não é . Devemos dar nome aos bois. Perguntar-nos ... esta atividade que fazemos está em consonância com o carisma do Movimento Familiar Cristão? Vejam que não estamos dizendo se é bom ou mau, se é evangélico ou não . Se devemos fazer ou não. Nos perguntamos se nossa ação pastoral corresponde ao carisma do Movimento Familiar Cristão ou se qualquer outro Movimento poderia fazer.

Muito obrigado. Espero ter incomodado.

Fortaleza Julho 2016
Pe. Juan Manuel Rodriguez Martin
MISSIONARIO COMBONIANO

fato-e-razao-95.indd 58 21/09/2016 22:01:32

Integração começa na abertura!

fato-e-razao-95.indd 59 21/09/2016 22:01:34

Grupos de Trabalho

fato-e-razao-95.indd 60 21/09/2016 22:01:35

Grupos de Trabalho

fato-e-razao-95.indd 61 21/09/2016 22:01:37

Grupos de Trabalho

fato-e-razao-95.indd 62 21/09/2016 22:01:38

Grupos de Trabalho

fato-e-razao-95.indd 63 21/09/2016 22:01:39

Grupos de Trabalho

fato-e-razao-95.indd 64 21/09/2016 22:01:41

Flagrantes

Assembleia Geral Nacional - AGN

fato-e-razao-95.indd 65 21/09/2016 22:01:42

Plenários

fato-e-razao-95.indd 66 21/09/2016 22:01:45